

FLÁVIO DUTRA

Jovens com anorexia ou bulimia têm dificuldade em enxergar a imagem real do próprio corpo

Vestibular Mudanças marcam o concurso 2007

A UFRGS definiu algumas modificações importantes, como a descentralização e a redução em um dia do período de aplicação das provas. A divulgação dos gabaritos será feita no mesmo dia da realização das provas, às 20h. **Página 9**



RICARDO DE ANDRADE

Comemoração Exposição fotográfica no centenário do Observatório Astronômico

A exposição *Observatório Astronômico 100 anos*, com fotografias históricas do começo do século passado, dá início às festividades do centenário do prédio, cuja pedra fundamental foi lançada no dia 8 de dezembro de 1906 por Borges de Medeiros. **Página 9**



JACSON MULLER/FEPM

Já não é bonito ser magra

A morte de adolescentes anoréxicas brasileiras e a recusa de modelos esqueléticas nas passarelas internacionais ameaçam a estética vigente e estabelecem um novo parâmetro: já não é bonito ser magra. A psiquiatra Maria Angélica Antunes Nunes, professora do Departamento de Epidemiologia da Facul-

dade de Medicina da UFRGS e uma das primeiras a realizar pesquisa sobre transtornos alimentares no país, critica a influência dos estilistas e promotores de moda: "Eles se agramdaram em ditar tipos físicos ideais". Por outro lado, ela aponta a convivência da classe médica: "Nós, médicos, nos omitimos

e permitimos que jovens, possivelmente com índice de massa corpórea (IMC) muito baixo, continuassem desfilando para vender os mais diversos produtos". Agora todos falam de anorexia e bulimia nervosas, mas, tempos atrás, mesmo a classe médica sabia pouco sobre estas doenças letais de fun-

do psicológico. Desde 2000, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre mantém o Programa de Transtornos Alimentares, cujo Núcleo atende pacientes de 12 a 19 anos. Olga Falceto, coordenadora do Núcleo e pesquisadora da área há 25 anos, afirma que os transtornos alimentares não estão isolados de ou-

tras questões sociais. Como exemplo, a professora cita a cultura reproduzida pela mídia e pelo setor da moda, na qual a figura feminina aparece "desfalcada de poder": "Por algum motivo, existe um interesse em que a mulher seja esquelética, e que não se desenvolva plenamente". **Página central**

Biodiversidade gaúcha na produção de remédios

Campus Importantes estudos realizados pela Faculdade de Farmácia da UFRGS pretendem mapear as espécies de vegetais nativos do Rio Grande do Sul, com a preocupação de avaliar, por meio de análises laboratoriais, o princípio ativo de plantas medicinais destinadas à fabricação de

fitoterápicos. Para isso, o projeto Bio-Fito está articulando parcerias com as unidades universitárias afeitas ao tema, com instituições governamentais e representantes da categoria farmacêutica. Nesta edição, o diretor da Faculdade de Farmácia, Paulo Mayorga, a professora Ingrid Berg-

man Inchausti de Barros, da Faculdade de Agronomia, e Luciana Albarnaz Gonçalves, representante do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos do Estado do Rio Grande do Sul (Sindifar), falam sobre o processo, desde o plantio até a indústria de beneficiamento. **Página 8**

Dois olhares sobre o Natal

Debates O professor Luís Augusto Fischer diz que não consegue deixar de se envolver pela emoção do Natal, embora conheça o lado comercial desse período de festas. Ele supõe até que essa emoção seja algo atávico, como a evocação de uma consciência pública de que

a vida tem mesmo um poderoso lado cíclico. E a professora Tania Galli Fonseca acha que a festa natalina é uma boa oportunidade para cultivar um Natal por vir, livre das artimanhas do capitalismo, do consumismo, do fetiche e da fantasia de felicidade. **Página 4**

Gaúchos são os que mais lêem no país

Cultura De acordo com pesquisa do Ibope divulgada durante a Feira do Livro, os leitores gaúchos lêem 5,5 livros ao ano. O levantamento também revelou que 70% dos entrevistados costumam ler jornais, 65% lêem revistas e 62% lêem livros, enquanto apenas 21% afirmaram ter o hábito de ler textos na Internet. A leitura ocupa o quarto lugar entre as atividades que os gaúchos realizam em seu tempo livre, ficando atrás somente de assistir televisão, escutar música e ouvir rádio, porém acima da prática de esportes ou da ida a competi-

ções esportivas. Diante desses índices, que surpreenderam livreiros e editores, o Jornal da Universidade foi conversar com escritores e dirigentes de órgãos como a Câmara Rio-grandense do Livro e a Associação Gaúcha de Escritores, para saber até que ponto os resultados refletem uma política de incentivo à leitura. Os entrevistados atribuíram o resultado ao trabalho de longo prazo que vem sendo desenvolvido no estado, especialmente pela Câmara, pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e pelas editoras locais. **Página 10**



SANDRA CRISTINA MÜLLER

UFRGS tem área de preservação no morro Santana

Atualidade Desde outubro, o patrimônio natural do morro Santana está protegido pela legislação que rege as Unidades de Conservação. O espaço, ameaçado pela expansão urbana, abriga grande diversidade biológica, com espécies animais e vegetais trazidas de diferentes partes do continente sul-americano, e constitui-se num

laboratório a céu aberto para atividades de ensino e práticas de educação ambiental envolvendo a comunidade acadêmica e a população urbana do entorno. Os 321,12 hectares do topo do morro foram classificados como um Refúgio de Vida Silvestre, onde se encontram espécies vegetais protegidas por leis federais e estaduais e ani-

mais incluídos na Lista das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul. As professoras Teresinha Guerra e Maria Luiza Porto, do Departamento de Ecologia da UFRGS, contam como este projeto tornou-se realidade e falam da importância da preservação daquele ecossistema localizado no Campus do Vale. **Página 5**



RICARDO DE ANDRADE

Transparência na inovação Encarte apresenta as principais iniciativas dos últimos dois anos de gestão da Universidade



Informe

Nesta edição de final de ano, excepcionalmente, o *Jornal da Universidade* está circulando com apenas 12 páginas em virtude da publicação de um encarte que apresenta as principais iniciativas dos últimos dois anos de gestão da Universidade. No especial de verão, que contempla os meses de janeiro e fevereiro, retornaremos ao número usual de páginas.



Memória da UFRGS

REPRODUÇÃO/ACERVO DO MUSEU DA UFRGS



► **1978** Concerto comemorativo ao 70. aniversário do Instituto de Artes realizado no Auditorium Tasso Corrêa. O espaço tem 324 lugares e figura entre as melhores salas musicais do estado em termos de acústica. Tasso Corrêa foi pianista, professor e diretor do antigo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre.

Espaço da Reitoria

Universidade premiada

Em novembro, dois importantes projetos da UFRGS foram premiados, o projeto Unimúsica e o projeto de Recuperação dos Prédios Históricos.

O prêmio Líderes e Vencedores, da Assembléia Legislativa e da Federasul, homenageou o Unimúsica na categoria Projeto Cultural. Esta iniciativa, com 25 anos de existência, criada como um espaço destinado ao incentivo e à divulgação da produção musical universitária, revelou talentos artísticos que marcaram, nos anos 1980, a chamada Geração Unimúsica. Ao longo do

tempo, ampliou sua abrangência, tanto no que se refere à programação quanto ao aprofundamento das relações com a comunidade. Corresponde, assim, a um projeto que extrapola o âmbito da Universidade e incorpora-se, através de sua ação, a toda a comunidade.

A segunda premiação foi dada ao projeto de Recuperação dos Prédios Históricos da UFRGS, concedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), reconhecendo, assim, esta importante proposta da Universidade, cujas iniciativas originais de-

ram-se nos anos 1980, no reitorado de Francisco Ferraz. Este projeto, já incorporado à comunidade, teve não só a ampla acolhida das pessoas comprometidas com a preservação do patrimônio, mas a decisiva participação de lideranças empresariais com espírito público, expresso através de significativos aportes financeiros à sua implementação. Trata-se, portanto, de uma iniciativa em que o engajamento da sociedade, mais que ações individuais, é o grande fator de sucesso. Uma instituição como a nossa universidade, na qual o discurso republicano

deve de fato ser balizador do comportamento das lideranças e não mera retórica demagógica, reafirma-se perante a sociedade quando ações como os projetos premiados são por esta incorporados.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, centenária em suas origens, orgulha-se das premiações recebidas e avança, através de um responsável projeto coletivo, como uma das grandes instituições educacionais de nosso país.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,
César Antonio Leal, Dirce Maria
Antunes Suertegaray, Edson Luiz
Lindner, Helen Beatriz Frota
Rozados, Luis Augusto Fischer,
Márcia Benetti Machado,
Maria Henriqueta Luce Kruse

REDAÇÃO

Editora-chefe

Ânia Chala

Secretária de redação

Sandra Salgado

Repórteres desta edição

Ademar Vargas de Freitas,
Ânia Chala, Jacira Cabral da Silveira,
Luiz Ricardo Linch (bolsista)
e Sonia Torres

Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

Fotografia

Flávio Dutra e Ricardo de Andrade

Revisão

Ademar Vargas de Freitas
e Ânia Chala

Colaborou nesta edição

Marcelo Spalding

Circulação

Arthur Bloise

Fotolitos e impressão

Gazeta do Sul S.A.

Tiragem

12 mil exemplares

Artigo

Ética como desafio para a formação científica

Perguntar pela relação entre ética e ciência nos leva imediatamente a um campo problemático. A complexidade da questão tem a ver com as concepções de ética e ciência que mantemos. Esclarecer que sentido isso tem para nós e que conseqüências traz para nossa vida não é uma tarefa muito simples, especialmente quando consideramos o modo como se apresenta o mundo em que vivemos. Dentre os que tratam do tema, poucos deixam de reconhecer que a singularidade de nossa época consiste na presença dominante da ciência, como uma forma específica de saber que traz consigo um modo próprio de ver e operar no mundo. Quase todos reconhecem que alcançamos um momento ímpar da história da humanidade, no qual a possibilidade de investigação e de reprodução técnica vai ganhando cada vez mais efetividade num movimento sempre mais acelerado e sem precedentes. Essa imagem torna-se real ao considerar a cultura ocidental, pois nela a ciência passou a dominar tanto a esfera do sistema e das instituições quanto o âmbito específico do mundo vivido, dos nossos desejos, sentimentos e emoções. Hoje, mais do que nunca, percebemos que a ciência afeta praticamente todas as dimensões da vida cotidiana.

Mas entre ética e ciência há uma tensão essencial. Enquanto atividade humana por excelência, a ciência está constantemente abrindo novas formas de compreensão da realidade. Enquanto reflexão sobre as ações humanas, a ética, por sua vez, expõe aquela relação básica que os seres humanos man-



FLÁVIO DUTRA

têm entre si e com o mundo que os cerca e que os constitui como humanos. Portanto, seria até mesmo natural pensar que há uma perfeita conjugação de ética e ciência. Mas, quando consideramos a questão da ética na era da ciência e da técnica, constatamos uma cisão entre o mundo da mentalidade científica e o mundo da vida prática. Por isso, a consideração dos aspectos éticos da pesquisa científica faz parte do constante processo de auto-reflexão sobre a natureza, as possibilidades e os limites da ciência, que ao constituir-se como uma das mais refinadas atividades humanas na construção do processo civilizatório, vai estabelecendo suas próprias condições de validação e legitimação.

Quem é responsável pela formação de novos investigadores tem hoje a tarefa de pensar as implicações éticas que a atividade científica traz consigo em praticamente todas as áreas do conhecimento. Parte dessa tarefa consiste em compreender os diferentes significados que a ciência e a ética adquirem tanto para os cientistas quanto para aqueles que são afetados pelos seus produtos. Porém, no meio científico é ainda comum encontrar-se uma visão simplificada da ética, que se revela numa argumentação baseada no senso comum e justificada a partir de crenças pré-estabelecidas, na maioria das vezes marcadas por um forte matiz de dogmaticidade, quando não refratárias à crítica e

absolutamente inquestionáveis.

Para superar essa situação, no decurso da formação científica, é preciso ter presente como surge e onde se funda a ética. Como sabemos, a ética surge da interação, como resultado da reflexão sobre as ações que afetam nossa vida, a vida do outro e do planeta. Por isso, um dos pressupostos básicos para discutir a questão da ética na ciência é o reconhecimento de que toda a atividade científica afeta, de um ou de outro modo, não somente o cientista e a comunidade de investigação, mas a sociedade na qual ela se realiza.

Por isso, além dos aspectos epistemológicos e técnicos próprios da instrução acadêmica, a formação científica precisa considerar os aspectos éticos, para somente então poder discutir as formas específicas de institucionalização de práticas científicas e o conseqüente estabelecimento de estruturas jurídicas e políticas capazes de regular e articular de modo adequado o avanço do conhecimento e sua aplicação. Parece-nos, portanto, que somente o processo de formação que contempla e conjuga esses aspectos permite compreender de modo adequado não somente o funcionamento da própria ciência e sua relação com a sociedade, mas também as questões relativas às conseqüências e aos limites da aplicação dos conhecimentos científicos à vida humana.

Luiz Carlos Bombassaro
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS

rio dos sinos ■

Mortandade de peixes é um aviso

Professores da UFRGS afirmam que desastre ambiental vai se repetir

Na opinião do professor Albano Schwarzbald, do Centro de Ecologia, a morte de peixes no Rio dos Sinos somente será solucionada quando este rio deixar de ser uma fossa para esgotos industriais e domésticos. Ele considera que o esgoto doméstico, cujo tratamento é de responsabilidade das prefeituras, é o principal poluidor. Segundo o professor, que é especialista em ecologia aquática, o saneamento deve ser encarado como uma questão de Estado, assim como a saúde e a educação. Outro fator que deve ser levado em conta é que as águas dos rios estão diminuindo, enquanto a quantidade de detritos está aumentando.

Schwarzbald fala também dos fatores ambientais favoráveis à mortandade de peixes, como pouca chuva, semana com tempe-

raturas altas, o que acelera a decomposição, e a virada de fim de semana, quando as indústrias aproveitam a pouca fiscalização para lançar detritos nos rios. Ele alerta para a importância dos Comitês de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas, uma representação legal em que a sociedade envolvida estabelece os padrões de qualidade da água que se quer para os rios.

O Jornal da Universidade também procurou o professor David da Motta Marques, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas. Ele diz que não há planejamento nem controle da poluição e que as causas do problema persistem: excesso de carga orgânica (esgotos industriais e cloacais), carga de poluentes com cromo, atividades agrícolas e altas temperaturas. "O controle depende da fiscalização, e o planejamento

Rio transformou-se numa fossa para esgotos industriais e domésticos



JACKSON MÜLLER/FEPAM

serve para determinar a carga que cada indústria pode largar no rio", lembra ele. Os dois especialistas são categóricos em afirmar que persistem os fatores determinantes da mortandade de peixes, que vai ocorrer de novo, no Rio dos Sinos ou em outro rio.

Durante a crise ambiental, o diretor-presidente da Fepam, Antenor Ferrari, assinou uma portaria, em 10 de outubro, dando

prazo de 180 dias para que as prefeituras localizadas nas bacias hidrográficas dos rios Sinos e Gravataí, apresentem propostas de plano de saneamento voltado à redução dos lançamentos de esgotos domésticos sem prévio tratamento. No caso da poluição industrial, a fiscalização da Fepam realizou 399 vistorias nas bacias dos dois rios e fez 313 autuações em 29 municípios gaúchos.

telefonia ■ Ligações via Internet

Já está em funcionamento na UFRGS o serviço fone@RNP, que permite a comunicação telefônica entre as instituições de ensino e pesquisa, sem custo, através da Internet. Para usar o serviço a partir de um ramal da Universidade, consulte a instituição destino para saber se já aderiu ao sistema. Depois, disque 4000, o ramal do portal de voz e, durante a mensagem, disque o número desejado: 0+código de área+número do telefone. Também é possível usar o serviço de fora da UFRGS através do número 3316-4000. Maiores informações através do site www.rnp.br/voip ou na Central de Atendimento do CPD, ramal 5333.

aniversário ■

Rádio da Universidade ganha logomarca

Para assinalar os 49 anos da Rádio da Universidade, foi lançada, em novembro, na Associação Rio-grandense de Imprensa, a programação comemorativa aos 50 anos. Na oportunidade, a presidente da comissão do cinquentenário, Enoi Liedke apresentou a logomarca e o botton comemorativo. O material foi elaborado pela designer gráfica



Rosâne Vieira, da Secretaria de Comunicação da UFRGS, e homenageia, com sua forma circular, o "disco de vinil" e o atual cd. Desde sua fundação, em 1957, a Rádio da Universidade, AM 1080, preocupa-se em propiciar cultura, lazer e informação, sendo um veículo de comunicação laboratorial aberto às manifestações da comunidade.

ecologia ■ Projeto Homem-Natureza é premiado

O projeto Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade, uma realização do Museu da UFRGS e da Copesul, foi o vencedor do Prêmio Expressão em Ecologia, na categoria Marketing Ecológico. Dos 122 trabalhos inscritos, 28 serão

retratados no Anuário Expressão em Ecologia 2006, que trará um programa completo sobre as iniciativas que valorizam o meio ambiente na Região Sul. O prêmio foi criado em 1993 com o objetivo de divulgar ações ambientais do sul do Brasil.

série graduação ■

Livros a preços acessíveis

Com o objetivo de incentivar a produção de material didático para o ensino de graduação e pós-graduação, foi lançada em novembro a Série Graduação, formada por um conjunto de obras elaboradas por docentes da Universidade para o acompanhamento das atividades acadêmicas. Este ano, foram lançados quatro livros e, no ano que vem, sairão outros trinta volumes. Segundo o pró-reitor de Graduação, professor Carlos Alexandre Neto, o aluno com o seu Cartão Fidelidade terá 70% de desconto, o que representa um apoio à produção de material didático de alta qualidade.



Os livros da Série Graduação podem ser adquiridos nas Livrarias da UFRGS

editora ■ Balanço positivo

A Editora da UFRGS participou da 52ª Feira do Livro com 32 lançamentos e 12 reedições. Nos 17 dias do evento foram vendidos 4.655 exemplares, sendo os mais procurados: Provas Comentadas CV 2006, Porto Alegre Guia Histórico (reedição) e Gestão Escolar Democrática - concepções e vivências (lançamento). Calcula-se que cerca de 25 mil pessoas tenham visitado o estande da Editora.

medicina ■ Nova técnica para corrigir estrabismo

Uma nova técnica cirúrgica para corrigir estrabismo, desenvolvida pelo professor Edson Procianoy, da Faculdade de Medicina, e pela doutoranda Leticia Procianoy foi apresentada, em novembro deste ano, no simpósio "Pediatric Ophthalmology and Strabismus Day", evento que antecedeu o Congresso da Academia Americana de Oftalmologia, em Las Vegas, EUA. O estudo, escolhido por um comitê de renomados médicos especialistas, visa a corrigir estrabismo divergente com desvio para perto, significativamente maior do que para longe, situação até então não resolvida adequadamente. Segundo Leticia Procianoy, esta técnica pode beneficiar tanto crianças quanto adultos e foi bastante comentada no congresso, devendo ser publicada pelo professor Edson Procianoy e por ela, na literatura médica, para conhecimento internacional.



Reitor acompanhou o início das obras

campus do vale ■ Restaurante Universitário será ampliado

Uma antiga aspiração de professores, técnicos-administrativos e alunos que circulam pelo Campus do Vale será atendida até agosto de 2007: a ampliação do RU, que terá sua capacidade aumentada de 500 para mil lugares. O reitor José Carlos Hennemann considera que são poucas as opções de refeições a preços acessíveis e de boa qualidade no Campus do Vale. Saliência que esta obra faz parte da política de atendimento aos alunos

carentes. O RU do Campus do Vale, inaugurado em 1977, tem atualmente 52 funcionários, orientados por duas nutricionistas. A cada dia, são servidos 2.150 almoços e 320 jantares. Além da ampliação do refeitório, o vestiário também passará por reformas. Outra novidade será a troca do sistema de alimentação das caldeiras, de óleo combustível para gás, que é mais econômico e não agride o meio ambiente.

EXPOSIÇÃO

Observatório Astronômico: 100 Anos

De 09/12/2006 a 08/12/2008

UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Física

Venha conhecer o céu de Porto Alegre no Observatório Astronômico da UFRGS www.ufrgs.br/observatorio Fone: 3316.3352

ARTE: ROSÂNE VIEIRA

RICARDO DE ANDRADE



FLÁVIO DUTRA

E o Natal está aí de novo, fechando um ciclo de eventos que deveria servir para reunir pessoas em grandes demonstrações de afeto, mas que foi capturado pelo consumismo e serve também para promover vendas de fim de ano e para sugar o décimo-terceiro salário de quem trabalha. O professor Luís Augusto Fischer, diz que está entre aqueles que sabem que o Papai Noel (ícone que substituiu o Menino Jesus como símbolo natalino) foi criado por uma campanha publicitária da Coca-Cola depois da Segunda Guerra. E que não pode alegar inocência diante dos bastidores da fábrica de emoções que é a narrativa televisiva. Mesmo assim, acaba sempre se entregando aos sentimentos exacerbados de fim de ano e, por isso, se pergunta se isso não é uma necessidade atávica de se entregar às emoções ao término de cada ciclo anual. Mas a professora Tania Galli Fonseca acha que precisamos esgotar o Natal, preservando as mãos abertas, liberá-lo do capital, rasgar-lhe a velha fisionomia. Ela diz que precisamos de um Natal que funcione como plano para nos fazer passar para outro meio, sem o sinal das artimanhas do capitalismo, do consumismo, do fetiche e da fantasia de felicidade.



Algo muito antigo

Luís Augusto Fischer*

Fim de ano me pega sempre pela emoção: não tem jeito de evitar o bololô afetivo que marea os olhos e de vez em quando chega ao choro. Nem estou falando de encontro com parentes, jantar de Natal ou ritual de passagem de ano; me refiro ao clima mesmo, um ar impregnado de tensões afetivas, recordação de infância, desejo de felicidade, tudo isso junto e, vivendo nós no tempo em que vivemos, neste mundo regulado pela lógica da mercadoria, tudo isso embalado pra presente, em várias vezes no cartão.

Para minha sorte não sou consumista, ou pelo menos não compulsivo, nem mesmo de livros. Mas nem essa pequena resistência interna me livra da emoção induzida. Eu sou daqueles que vejo o Jornal Nacional e sinceramente me emociono com a bicicleta dada de presente por um anônimo para um menino de escola da periferia. Fazer o quê?

Por outro lado, eu estou entre aqueles que sabem que este Papai Noel foi criado por

uma campanha publicitária da Coca-Cola, modalidade tão esquisita de tradição forjada quanto outras, a exemplo do nhoque do dia 29, invenção de uma fábrica de massas de Buenos Aires, também depois da Segunda Guerra. Sei também que três gerações atrás, até os anos 1930 e 40, era no Dia de Reis, o 6 de janeiro, que se davam presentes para gente como meu pai, na trilha da tradição cristã. E não posso alegar inocência quanto aos bastidores da fábrica de emoções que é a narrativa televisiva, seja ela a do jornalismo de espetáculo ou a da telenovela. Então a pergunta é: por que é que eu caio sempre na esparrela da emoção exacerbada de fim de ano?

Vai uma hipótese: é porque realmente há algo de necessário na emoção do fim do ano.

A emoção de fim de ano será evocação da consciência pública de um lado cíclico da vida?

cíclico, um poderoso lado cíclico.

Enquanto estivemos bem próximos da vida rural, a força dos ciclos se impunha por assim dizer ao natural; mas depois que a cidade ganhou a parada quase perdemos de vista a sensação, magnífica e terrível, de que há ciclos, regulados por forças superiores à razão. A luz elétrica nos torna donos do ciclo do dia e da noite; o mercado nos passa a

Necessário nas culturas letradas e sofisticadas, necessário na tradição cristã, hegemônica no Ocidente (pelo menos desde uns séculos até o presente), mas possivelmente necessário como evocação de algo muito mais antigo ainda – a consciência pública, compartilhada com amigos e parentes em algum ritual, de que a vida tem mesmo um lado

ilusão da linearidade, com um fim absoluto lá na ponta, a mercadoria, que manda em nós; em sentido amplo, a modernidade inventou a utopia, ilusão também finalista, que promete um mundo perfeito lá no fim, mundo perfeito que é a encarnação recente das velhas promessas de céu.

Aí a gente vê um amigo doente, ou percebe assustado que o resultado do exame deu um sinal de alerta, ou vê o pai morrer. E aí o amigo se recupera e retoma a vida normal, ou a beleza da fruta da estação exposta no súper requer uma raríssima atenção nossa, ou a gente assiste o parto do filho. Ciclos que recomeçam e vão adiante, deixando pra trás pedaços da experiência; ciclos que nunca dominaremos com precisão; ciclos que reencenamos, na marra, a cada fim de ano.

*Professor de Literatura Brasileira da UFRGS, autor de *Quatro negros*, entre outros livros

O Natal por vir

Tânia Mara Galli Fonseca*

“O fim está no começo e no entanto continua-se.”

Samuel Beckett

Estamos no Natal. Mas o Natal não pré-existe. É preciso traçar um círculo em torno de seu centro frágil e incerto, roer-lhe o rosto habitual e automatizado, convocá-lo como espaço que nos revitaliza e acolhe as forças germinativas de uma tarefa a ser feita. Selecionar, eliminar, extrair, não deixar submersa uma vez mais a potência da ocasião para reinventar aquilo que padece da tendência de se parecer sempre consigo mesmo, tão tradicional e compulsivo. Marcar território, traçar um círculo para uma outra fundação, sem afundamentos.

Depois, entreabrir-se, chamar alguém ou sair em busca, deixá-lo entrar... abrir o território para um futuro, fissurar a linha do círculo para ir ao encontro de um Fora. Improvisar o Natal, sair do Natal do passado e traçar linhas de errância, mesmo que ainda apoiados tão somente no corrimão de uma cançãozinha recém-aprendida. Situar o Natal entre o passado e o que pode vir. Colocá-lo no interstício, dar-lhe a chance de ganhar ritmo de pulsação, de ser tanto dia como noite, de ser passagem para o incomensurável que nos surpreende.

Precisamos de um Natal que funcione como plano para nos fazer passar para outro meio, aterrissar, amerrissar, alçar vôo. Arremessar na cena de Natal as marcas trágicas e paradoxais de nossa condição de humanos, marcá-lo pelo nosso combate contra o que ele tem sido e ao que nele se tem produzido: não desejamos o Natal como sinal das artimanhas do capitalismo, do consumismo, do fetiche e da fantasia de felicidade. Poderíamos querer erigi-lo como signo para dele extrair e dilatar sentidos.

Precisamos esgotar o Natal, mas ainda preservar as mãos abertas. Liberá-lo do capital, da submissão ao amor como palavra de ordem, da tolerância como signo da inclusão, da mercadoria como recompensa e reconhecimento. Rasgar-lhe a velha fisionomia, inscrevê-lo em outro fluxo da história, fluxo dos tempos de homens e mulheres que se fazem à altura de sua própria condição de viventes, desamparados para sempre das certezas definitivas, inscritos em movimentos a contrapelo da história do presente.

Descobrir que se pode viver junto, pois, desde sempre, não possuímos senão distân-

Precisamos liberar o Natal da submissão ao amor como palavra de ordem

cias, e trata-se de criar um meio que torne possível a coexistência de um máximo de multiplicidades. Reagrupar as forças de nosso território existencial de modo a fazê-lo um lugar onde todas as forças se reúnam, num corpo-a-corpo de energias.

Colocado como meio, o Natal pode vir a ser esse corpo-a-corpo, esse centro intenso para o qual peregrinam múltiplas forças e o transformam em pátria desconhecida, terra nova. Dar chances ao Natal para que se marginalize do código dominante, se defase e diferencie. Esgotá-lo daquilo que nele temos impregnado. Localizá-lo ali onde não o suportamos mais, ali onde não mais o acreditamos e desejamos. tocar o seu insuportável, dar voz à nossa longa queixa de tristeza natalina, pois desde sempre nos sabemos fora de qualquer Natal.

Chegar ao fim da linha e nos forçar a buscar o desvio, porque o caminho de que nos servíamos como transporte, já não nos leva mais a lugar algum; apenas nos deposita numa espécie de dissipação, de nevoeiro branco e nervoso que insiste em nublar a visão que temos de nós mesmos. Produzir o

Natal como desvio, como criação de um meio próprio para o nosso tropeço.

Natal paradoxal, que desnaturaliza o equívoco do Natal em nós. O Natal não está dentro. Ele se situa Fora de nós e sempre que o buscamos dentro, corremos o risco de encontrarmos somente aquilo que já foi, aquilo que não se renova, aquilo que nos erige como ruína sem esperança.

Não se trata de encontrar a nós mesmos. Trata-se de sair, libertar o devir, desengatar a série monótona, inócua e previsível. Sair do Natal mecânico para produzir a máquina do Natal que nos autoriza a renascer em nossa vontade de potência, porque nos coloca no ponto de esgotamento de nossas velhas vias de existir em comum.

Há, sim, um certo Natal de onde precisamos sair. Natal das origens, das promessas, da longa memória. Fazer um Natal do presente, impregnado de um tempo que a todo o momento se bifurca em passado e futuro. Reaver os natais perdidos, encarquilhados na opaca brancura de nosso esquecimento. Produzir o Natal que ainda não foi vivido, não o último Natal do último homem, mas o Natal do além do homem e que se encontra à espera como um Natal por vir.

*Professora do Instituto de Psicologia da UFRGS

UFRGS cria Refúgio de Vida Silvestre

Ânia Chala

Um projeto acalentado por quase 20 anos foi finalmente concretizado: desde outubro, a UFRGS tem um Refúgio de Vida Silvestre no morro Santana, junto ao Campus do Vale. Criado através de decisão do Conselho Universitário, o espaço vai promover o resgate e a preservação do patrimônio natural, ampliar as linhas de pesquisa e os serviços prestados à comunidade, além de constituir-se num laboratório a céu aberto para atividades de ensino e práticas de educação ambiental, envolvendo a comunidade acadêmica e a população urbana do entorno, formada pelas vilas Santa Isabel, Jary, Safira, Agrovot, Ipê, Cefer e Brasília.

O local apresenta grande diversidade biológica, com espécies animais e vegetais originadas de diferentes partes do continente sul-americano e encontra-se atualmente pressionado pela expansão urbana. O morro Santana é o ponto mais alto do município de Porto Alegre, com 311m de altitude e uma área aproximada de 1.000 hectares, dos quais cerca de 600 pertencem à Universidade. Ele é formado por rochas graníticas e tem florestas, campos e capoeiras, que juntas compõem um complexo mosaico vegetacional, típico da paisagem dos morros porto-alegrenses e pouco representado em áreas protegidas no estado. Abriga espécies vegetais tropicais protegidas por leis federais e estaduais, como figueiras e corticeiras, além de animais e vegetais incluídos na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção, como a canela-preta; e na Lista das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul, como o bugio-ruivo e o sabiá-cica. O Refúgio de Vida Silvestre da UFRGS ocupa exatamente o topo do morro, com um total de 321,12 hectares.

Muitas espécies existentes no local podem ser interessantes para estudos genéticos, bioquímicos e de biologia molecular, e já serviram de base para teses de doutorado, dissertações de mestrado e inúmeros trabalhos de iniciação científica e bacharelado.

Maria Luiza Porto, professora aposentada do Departamento de



Espécies como a *Myrcia palustris* (Pitangueira-do-mato) e a *Richardia grandiflora* (E) formam um complexo mosaico vegetal

Ecologia e consultora da Comissão de Instalação da Unidade de Conservação, diz que a UFRGS será a primeira universidade da Região Sul a ter uma unidade de conservação do tipo refúgio de vida silvestre. “O morro sediou a fazenda de Jerônimo de Ornellas e tem toda uma história que remonta à época da colonização dos portugueses. Ali estão parte das nascentes do arroio Dilúvio, daí a importância de preservarmos esses recursos hídricos.”

No local também funciona o Observatório Astronômico, órgão pertencente ao Instituto de Física, inaugurado em 1972, e que atua em paralelo com o Observatório do Campus Centro da UFRGS (*Leia reportagem na página 9*).

Proteção Integral – Segundo a geóloga Teresinha Guerra, coordenadora da Comissão de Instalação da Unidade de Conservação - Re-

fúgio de Vida Silvestre e professora do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências, a comissão trabalhou no sentido de delimitar a área, utilizando os dados levantados no Estudo de Viabilidade Urbanística do Campus do Vale. “Entre 2001 e 2004, nos aliamos ao grupo coordenado pelo professor Benami Turkienicz, da Faculdade de Arquitetura, que desenvolveu o estudo, porque precisávamos estabelecer limites: o que seria reservado à Unidade de Conservação e o que seria destinado à expansão da Universidade.”

Nesse meio tempo, foram feitas consultas à Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e ao Ministério Público sobre a categoria em que a futura Unidade de Conservação iria enquadrar-se. “Eles disseram que poderíamos criar uma Reserva Particular Natural ou um Refúgio de Vida Silvestre, mas o Ibama foi categórico, informando que, pelo tamanho da área, deveríamos enquadrá-la como Refúgio de Vida Silvestre”, lembra Teresinha, para quem a recomendação foi perfeita porque essa categoria requer proteção integral.

Conforme a Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), há duas categorias de unidades, definidas de acordo com seus objetivos: as de proteção integral, cujo propósito é preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais; e as de uso sustentável, que podem compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais.

Projetos e pesquisas – De acordo com Teresinha Guerra, desde o início da implantação do Campus do Vale, o pessoal ligado à área de Ciências Biológicas tem feito pesquisas na área do morro Santana e

Meio ambiente Área situada no topo do morro Santana terá preservada sua diversidade biológica

a criação do Refúgio é uma garantia da continuidade desses projetos. “Agora, a administração da UFRGS irá indicar um novo grupo de trabalho, que deverá encaminhar um processo junto ao Ibama para que essa unidade de conservação passe a integrar o Sistema Nacional.” A partir daí, como administradora do espaço, a Universidade terá direito a receber verbas de compensação ambiental de órgãos ambientais, como o Ibama e a Smam. Isso representa uma possibilidade efetiva de cercar a área, o que é fundamental para sua preservação.

A geóloga acredita que a facilidade de acesso contribuiu para a degradação da área. “Um dos problemas sérios é que, do lado de Viamão, a ocupação urbana chegou ao limite máximo permitido. O espaço que pertence à UFRGS só não foi invadido porque existe vigilância do setor de segurança e porque sempre temos professores e grupos de alunos atuando no local.” Por outro lado, ela ressalta que as incursões dos membros da comunidade universitária sempre são acompanhadas por guardas, uma vez que a área é freqüentada por fugitivos e andorlhos.

Teresinha Guerra destaca duas iniciativas na área de educação ambiental, realizadas através de projetos apoiados pela Pró-reitoria de Extensão: *O morro Santana e a comunidade do entorno* e o *Curso de trilhas ecológicas*, que deverá ter nova edição em 2007. Nessas experiências, ela observou que, ao contrário de outras situações em que a criação de uma unidade de conservação gera desconfiança entre as populações do entorno, no caso do refúgio da UFRGS o resultado parece ser o inverso. “Em geral, vemos que as populações querem que esta área seja preservada. Há pouco tempo, depois de distribuímos fo-

Entenda

Unidade de Conservação – é o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Refúgio de Vida Silvestre – tem como objetivo proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória. A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no plano de manejo. A pesquisa científica depende da autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade.

Fonte: Rede Nacional Pró-Unidades de Conservação
www.redeprouc.org.br/unidades



Área situada no Campus do Vale tem 321,12 hectares

Jacira Cabral da Silveira

A vida está nas passarelas! Este sonho de muitas jovens começa a ser questionado, pelo menos no que se refere à luta incessante para atingir o peso ideal preconizado por estilistas e ícones da alta costura internacional. A morte aos 21 anos da modelo paulista Ana Carolina Reston Macan, no dia 15 de novembro, causada por anorexia nervosa, é denúncia dessa exigência irresponsável.

Em setembro deste ano, depois que a organização da Semana da Moda de Madri, na Espanha proibiu a participação de modelos excessivamente magras nos desfiles, o tema dos transtornos alimentares entre jovens manequins ganhou dimensão internacional. Na Inglaterra, a ministra da Cultura, Tessa Jowell, aprovou a iniciativa, e em Milão, na Itália, um dos principais centros do setor, começou um controle médico obrigatório para excluir modelos magérrimas.

A psiquiatra Maria Angélica Antunes Nunes, professora do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Medicina da UFRGS e uma das primeiras a realizar pesquisa sobre transtornos alimentares no país, critica o espaço que estilistas e promotores de moda conquistaram nestes anos todos como ditadores do peso correto para um corpo perfeito. “Eles se agrandaram em ditar tipos físicos ideais.” Por outro lado, ela repudia a convivência da classe médica: “Nós, médicos, nos omitimos e permitimos que jovens, possivelmente com índice de massa corpórea (IMC) muito baixo, continuassem desfilando para vender os mais diversos produtos.”

Embora a anorexia e a bulimia nervosas sejam doenças raras – em torno de 1% da população, especialmente a feminina, pode ter anorexia no decorrer da adolescência e de 1% a 3% podem contrair bulimia na mesma faixa etária – Angélica alerta sobre o fato de que a anorexia é letal: “É o transtorno mental que mais mata. Em função da desnutrição, garotas de 1m65cm chegam a reduzir seu peso a até 25 quilos.” Conforme o avanço da doença, a desnutrição muitas vezes atinge o grau III, quando o IMC é inferior a 15kg/m² – sendo que o IMC normal é de 18kg/m² a 24kg/m². Para calcular o IMC é só dividir o peso pelo quadrado da altura (peso/altura x altura). Ana Carolina Reston, quando morreu, em novembro, após um mês de internação com insufi-

ciência renal, estava com 40 quilos e tinha 1,72m.

Mesmo levando em consideração que, para desenvolver anorexia ou bulimia, a pessoa precisa apresentar aspectos predisponentes, Angélica tem especial preocupação com as adolescentes, pois, independente de virem ou não a ficar anoréxicas, a trajetória rumo à doença coloca em risco o desenvolvimento natural das meninas. Segundo ela, além da desnutrição, existem outros fatores relacionados à adolescência que ameaçam a saúde. Um deles é a possível ausência do ciclo menstrual como decorrência da alteração hormonal que acompanha a desnutrição. Ela adverte: “Passado um período grande, como, por exemplo, um ano ou mais, a paciente pode ficar estéril!”.

Olga Falceto, coordenadora do Núcleo de Transtornos Alimentares do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e há 25 anos pesquisadora na área, afirma que os transtornos alimentares não estão isolados de outras questões sociais. Como exemplo, cita a cultura reproduzida na mídia e pelo setor da moda, no qual a figura feminina aparece “desfalcada de poder”: “Por algum motivo, existe um interesse em que a mulher seja esquelética, que não se desenvolva plenamente”.

Neste sentido, a pesquisadora se diz preocupada, especialmente com relação aos transtornos alimentares, à medida que as mulheres sentem-se oprimidas pela imagem que fazem de si mesmas. Segundo Olga, alguns dos sintomas da anorexia são justamente a distorção da própria imagem e o medo mórbido de engordar.

De acordo com a coordenadora, esta cultura afeta também as gestantes e, por consequência a prática da amamentação. “Ao longo do século 20, desmanchou-se a amamentação natural.” Sobre o tema, ela lançou o livro *Unidos pela amamentação*, no IX Encontro Nacional de Aleitamento Materno, realizado na UFRGS, no início deste ano.

Outro desdobramento desta cultura, e que se constitui na principal preocupação de Olga, diz respeito à capacidade da mulher na hora do parto. Segundo ela, 80% dos partos realizados nos hospitais privados do Rio Grande do Sul são cesarianas. “Se a mulher não pode experimentar o poder que tem ao parir, dificilmente vai sentir-se capaz na sua vida posterior e até mesmo nos cuidados com seus filhos”.

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

**Comportamento**

Já não há como fechar os olhos: doenças desencadeadas por fatores emocionais, principalmente em adolescentes que buscam a estética das passarelas, podem matar

Abaixo o mito das esqueléticas

É difícil identificar ou assumir a doença

Até que uma pessoa chegue ao diagnóstico de transtorno alimentar, muito de sua vida já está comprometido. Muitas vezes, nem mesmo quem convive com ela percebe que algo de errado está acontecendo, salvo quando, em caso de anorexia, a perda de peso é gritante. Para Olga Falceto, “hoje em dia, já não se diagnostica a anorexia como uma doença de classe alta, ela está sendo diagnosticada em todas as camadas sociais. Há registro recente de uma menina anoréxica que vive longe da cidade, no campo.”

Conforme a terapeuta de família e educadora Jeanne Pereira, também integrante do Núcleo de Transtornos Alimentares, tanto a anore-

xia quanto a bulimia são doenças multifatoriais, desencadeadas por algum fator que mexe com o emocional da adolescente. Pode ser o meio, a família, algum estresse próximo, como a morte de alguém querido. Jeanne destaca algumas das características de pacientes de transtornos alimentares e suas famílias: estruturas familiares excessivamente aglutinadoras; pai ou mãe superprotetores, que provocam retardo no desenvolvimento da autonomia das filhas; negação dos conflitos existentes entre os membros da família, dificultando que a jovem receba ajuda. Mas, o mais grave, no caso das anoréxicas, é a ocorrência de abuso sexual na infância.

Segundo Angélica, uma bulímica pode chegar a esconder a doença por até cinco anos, pois tem vergonha de sua compulsão por comida e pelo excesso de peso que imagina ter. “Quando elas chegam ao tratamento, estão muito envergonhadas, mas têm noção da dimensão do problema e da sua incapacidade para resolvê-lo”, explica a psiquiatra.

Por outro lado, as adolescentes anoréxicas se recusam a aceitar que algo de errado está acontecendo com elas e que estão muito abaixo do peso considerado saudável: “Não dá para conversar com as jovens anoréxicas, porque são obsessivas com a questão da forma física. Quando estão doentes, é impos-

sível desfocar da comida para outras questões pessoais ou familiares”, ressalta Olga Falceto.

Em ambos os casos, o papel da família é importante para auxiliar a identificar o problema e encaminhá-la a um tratamento. Mas o que ocorre, segundo Patrícia Castellano Sanchez, do grupo de especialistas do Núcleo, é que algumas características familiares adiam esse processo. De acordo com ela, existem famílias que têm dificuldade de pedir ajuda, de falar de seus problemas e conflitos, em que os sentimentos são mais velados, e as pessoas não expressam suas emoções. Também há famílias nas quais as mães estão em permanente dieta.

“Hoje em dia já não se diagnostica a anorexia como uma doença de classe alta, ela está sendo diagnosticada em todas as camadas sociais”

Olga Falceto,
coordenadora do Núcleo de Transtornos Alimentares do HCPA

Nutricionista é o bicho-papão

Ana Cristina de Bragança, há três anos, é nutricionista voluntária no Núcleo de Transtornos Alimentares do Centro de Apoio Psicossocial (Caps). “Somos o bicho-papão do tratamento.” Mas a desconfiança acaba depois da segunda ou terceira consulta, quando as adolescentes começam a participar de grupos, nos quais é desenvolvido um trabalho de educação nutricional. “Nosso objetivo principal é desfazer seus tabus alimentares.” De acordo com a especialista, os pacientes apresentam hábitos alimentares invertidos. As anoréxicas, por exemplo, gostam de cortar grupos alimentares, como gorduras e carboidratos, pois entendem que são estes alimentos que as fazem engordar. Quem vê de fora pode até pensar que são vegetarianas, mas frutas e verduras é o que fica da exclusão radical de alimentos de suas dietas.

Em muitos dos casos de transtornos alimentares, a desesperança é aliada do tratamento. Ana Cristina comenta que, quando a balança já não registra perda de peso (até porque não há mais nada a perder), o sofrimento diante do fato faz com que as meninas aceitem o tratamen-

to como forma de cessar a dor da desesperança. Por outro lado, a maioria das anoréxicas encara sua dieta como estilo de vida. “Algumas meninas sobem de costas na balança para não ver o resultado na hora da pesagem semanal com o hebiatra, médico especializado no atendimento a adolescentes.”

O trabalho da nutricionista começa com uma conversa minuciosa sobre os hábitos alimentares da paciente e de sua família. Depois da sondagem, ela estabelece um peso ideal, considerando a altura, a idade, o sexo e o fator de atividade de cada paciente. Fixada a meta, é hora de prescrever a dieta. Algumas das restrições muitas vezes são os produtos *diet* e *light*, porque podem representar uma opção sintomática da doença como forma de manter o peso desejado. A cada encontro semanal, são avaliados tanto a eficiência do cardápio quanto o desempenho da paciente e de sua família para atingir o objetivo de chegar ao peso ideal. Não aquele irresponsavelmente imposto pelos estilistas, mas o peso compatível com o continuar viva. Afinal de contas, é preciso permanecer viva para frequentar as passarelas.



Muitos querem perder peso, mas...

Existem comportamentos precursores que podem resultar na doença e que são mais comuns do que se possa imaginar. Segundo a psiquiatra Maria Angélica, embora transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia sejam raros, atitudes inadequadas são frequentes entre pessoas que desejam perder peso. Entre estas, está o uso de laxante, inibidores de apetite, exercícios físicos extenuantes e a prática de dietas restritivas.

“São essas pessoas que acabam não buscando ajuda e são sub-diagnosticadas. Passam a vida inteira usando laxante, na ilusão de que estão perdendo peso, mas estão causando danos ao próprio organismo.” A primeira pesquisa que Maria Angélica realizou em Porto Alegre foi em 1995, quando estudou o comportamento alimentar de mulheres com idade entre 12 e 29 anos, de diferentes classes sociais. Nesta mostra, ela apurou que 11% das consultadas tinham comportamento alimentar inadequado, prevalência igual em outros países.

Outros dados da pesquisa comprovam o perfil deste público: 8% toma laxante; 5,1% usa inibidor de apetite. “São comportamentos que, se mal avaliados, podem levar ao desenvolvimento do transtorno propriamente dito.” Angélica ressalta que as dietas restritivas, por si só, são fatores de risco, principalmente no caso de pessoas que apresentam predisposição genética, familiar ou psicológica para desenvolver transtornos alimentares. Anorexia nervosa é uma doença antiquíssima, descrita desde a Idade Média. Segundo Maria Angélica, como não há novidade, não se configura como uma doença contemporânea. Entretanto, pode-se dizer que é uma enfermidade da atualidade, gerada na cultura vigente: “É a forma de expressão do sofrimento psíquico atual, em especial o das mulheres. Como na década de 20 era a histeria.”

Conforme a psiquiatra, o que vemos hoje no lugar das hísticas do passado, são manifestações de um sofrimento psíquico voltado aos chamados comportamentos aditivos. Atitudes que denotam exagero: beber muito, fumar muito, comprar muito, ter muitos fiances etc. E neste grupo nos encontramos todos. Por isto a doutora recomenda a prevenção através de hábitos saudáveis e a quebra do ideal de magreza imposto pela cultura. “É preciso a valorização do indivíduo como um todo e não apenas pelo que ele pesa.”

Depoimento Recuperar os amigos e voltar às festas

Ela tem 17 anos e está concluindo um tratamento de dois anos no Hospital de Clínicas, junto ao Centro de Transtornos Alimentares. É estudante e mora com a mãe. Vem recuperando as amigas e voltou às festas. Agora não se acha nem gorda nem magra, apenas uma garota normal, assim como as demais. É de Sagitário, fez aniversário no dia 27 de novembro. Foi ela quem escolheu o nome fictício para sua história real: “Pode ser Tati, Tatiana”.

Entre os parentes que moram perto de sua casa, até a avó, a quem Tatiana recorre sempre que precisa, pois a mãe trabalha o dia todo e a

garota fica sozinha. Ficava, até o momento em que a prima de sua mãe veio passar alguns meses com elas. Tatiana lembra bem desse tempo: “Ela achou que eu estava grávida porque não comia quase e vomitava muito, e contou pra minha avó, que me levou ao posto de saúde”.

Há quatro meses, Tatiana vinha praticando uma dieta criada por ela mesma. Na primeira semana, decidiu excluir o café da manhã. Na segunda, começou a comer cada vez menos no almoço, até eliminá-lo. O último passo foi deixar de tomar o café da tarde, restando apenas o jantar.

À medida que a doença se

estabelecia, a balança passou a ser o termômetro do humor da guria. Ficava irritada e brigava com todo mundo cada vez que não atingia o objetivo de baixar tantos grammas na semana. Chegou a perder amigos por causa disso: “Quando estava mal comigo mesma, maltratava todo mundo, eles não agüentaram”.

Mesmo reconhecendo a tentativa de algumas amigas em ajudá-la, ela considera que não deu certo. Para a adolescente, a mudança de opinião das garotas soava como falsa: “Antes de saberem da minha doença, diziam que eu estava linda, mas depois passaram a me achar feia.

Não ajudaram muito com isso”.

Mas as brigas mais marcantes e decisivas para que aceitasse o tratamento ocorreram em casa. Tatiana confessa que chegou a ficar com raiva da avó, por estar tentando ocupar o lugar da mãe, obrigando-a a comer. Foi aí que percebeu que precisava achar força nela mesma, até porque sofria ao ver a mãe e a avó chorando em função de sua doença. Um dos momentos cruciais foi quando Tatiana e a mãe brigaram aos tapas. “Foi horrível, até piorei um pouco.” Esta é uma das lembranças ainda vivas pois, segundo Tatiana, “tem partes que a gente deleta”.

HCPA oferece tratamento para transtornos alimentares

Segundo dados do Ministério da Saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS) realizou em todo o Brasil 91 procedimentos e atendimentos de anorexia em 2005. No ano anterior, houve menos tratamentos, 80, no total. Excluindo São Paulo, que em 2005 registrou 48 casos de anorexia, o Rio Grande do Sul é o estado que registra maior número de tratamentos dessa doença. Foram 19 no ano passado. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre, desde 2000, oferece serviço nesta área através do Programa de Transtornos Alimentares, que atende pacientes de 12 a 19 anos. Atualmente, são 15 jovens em tratamento que, em média, tem a duração de dois anos.

De acordo com a psiquiatra Patrícia Sanchez, o objetivo do tratamento é restabelecer o peso, normalizar a conduta alimentar e tratar os aspectos emocionais que os pacientes de transtornos alimentares apresentam, principalmente as anoréxicas. À medida que o tratamento evolui com o restabelecimento de um peso mínimo, diminuem os sintomas psíquicos. Dependendo da gravidade do quadro clínico e emocional da paciente e de sua estrutura familiar, a garota será atendida em nível ambulatorial ou de internação.

Conforme explica a coordenadora do Núcleo, Olga Falceto, o tratamento, em geral, dura dois anos. São duas consultas semanais e, quinzenalmente, há encontros do grande grupo, no qual cada jovem comparece com suas famílias. Para a terapeuta, este é um dos momentos mais ricos: “Quem já passou pela fase crítica, estimula os outros a persistirem no tratamento, mesmo que seja necessário forçar as meninas a comer”. Por esta razão, a psiquiatra classifica a primeira etapa como sendo a mais difícil, mas é também a mais importante quando os vínculos familiares se fortalecem.

Depois da tempestade, outro temporal. A recuperação seria impossível, se o tratamento não contasse com o trabalho conjunto da equipe multidisciplinar – especialistas nas áreas de nutrição, psicologia, psiquiatria, enfermagem, terapia familiar e recreação, a maioria voluntários. “A menina já não briga com a família através da comida, mas começa a brigar em função de outras questões existenciais relacionadas com o desenvolvimento de sua autonomia.” Nesta fase, já existe uma rotina alimentar.

O tratamento junto ao Núcleo de Transtornos Alimentares do Hospital de Clínicas de Porto Alegre é gratuito e os interessados devem procurar os postos de saúde de onde serão encaminhados ao Núcleo.



Equipe do HCPA reúne-se semanalmente



Sonia Torres

Herança de nossos antepassados, o uso de plantas medicinais é um antigo meio de manutenção da saúde, largamente empregado na cura das diversas enfermidades. Tanto para as doenças mais simples, como dores de cabeça, de barriga e de estômago, febre ou cólicas em crianças, até as mais complexas, como hipertensão, diabetes, anemia, depressão. Hoje, já são feitos estudos de importância elevada, com o intuito de detectar, por meio de análises laboratoriais, os princípios ativos de plantas medicinais do Rio Grande do Sul.

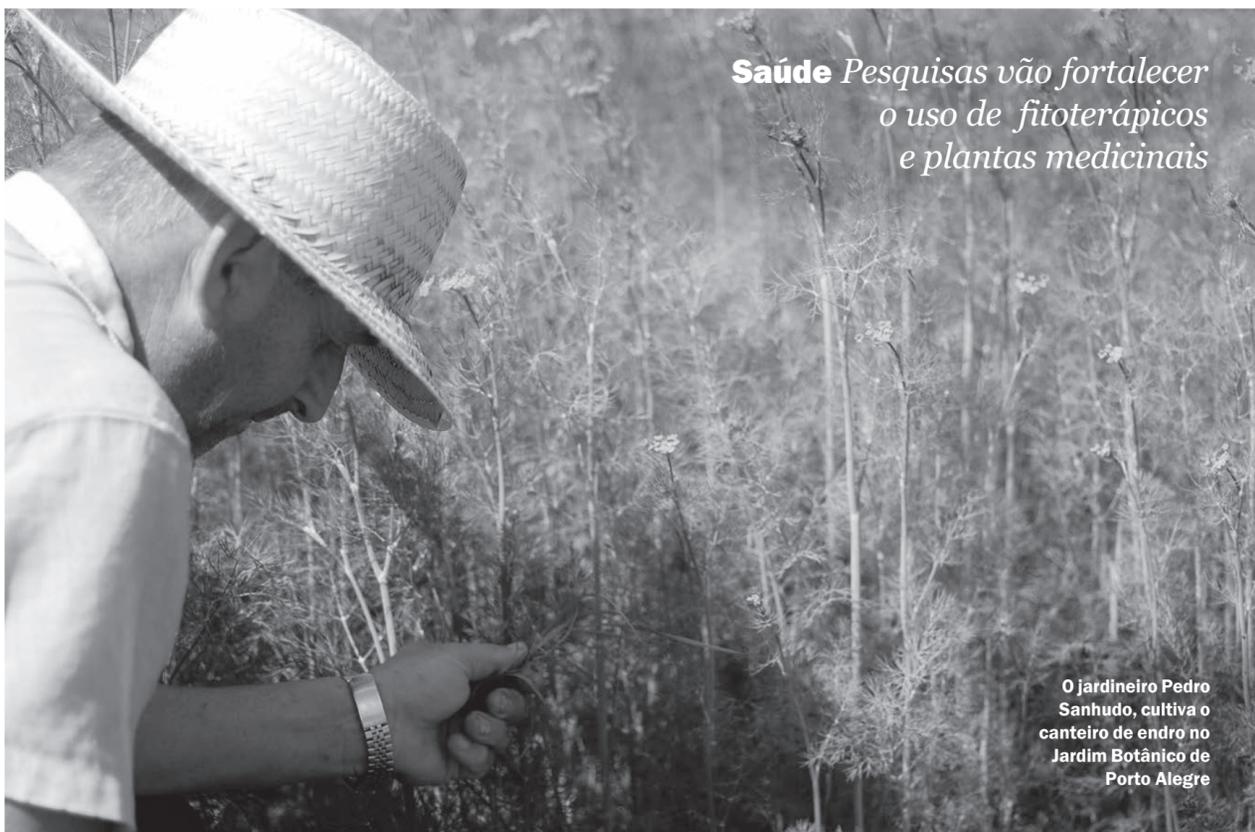
Na esteira dessa demanda, realizou-se na Faculdade de Farmácia da UFRGS, um seminário com *workshop* intitulado “Projeto Bio-Fito: multidisciplinaridade em estudos de biodiversidade e fitoterápicos”, apresentado pelo diretor da instituição, Paulo Mayorga, o qual procedeu ao lançamento do projeto do Centro de Estudos Avançados em Biodiversidade e Fitoterápicos (Bio-Fito). O órgão tem a finalidade de articular competências para a exploração racional da biodiversidade, visando ao desenvolvimento de produtos farmacêuticos de alto valor agregado e sua efetiva comercialização.

O evento avaliou as parcerias com os ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Agrário e a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, reunindo pesquisadores de diversas áreas do conhecimento da UFRGS para analisar em que medida haveria interesse na participação. Além de organizar a cadeia produtiva de fito-produtos, o projeto definirá, em um primeiro momento, os produtos relacionados dentro dessa cadeia.

Sector em crescimento – A proposta é desenvolver um nicho de mercado, pois um dos setores que mais mostra crescimento é o vinculado aos produtos naturais (plantas medicinais, condimentares, aromáticas e fitoterápicos). Além disso, a inserção de terapias alternativas no Sistema Único de Saúde (SUS), conforme divulgado em reportagem publicada na edição de setembro do Jornal da Universidade, demonstra uma preocupação dos gestores públicos em relação a uma área com boas perspectivas de aplicação, seja do ponto de vista da saúde, seja do ponto de vista social. A idéia é incentivar as empresas nacionais e estimular a criação de empregos e a geração de renda.

Segundo o professor Mayorga há um desenvolvimento social por trás disso, respaldado na agregação de valor tecnológico a produtos que já estão no mercado. “Um bom exemplo são os chás, cujos *sachets* são preparados com partes moidas do vegetal, como folhas, flores e raízes. Se esse mesmo produto tivesse um selo de qualidade atestando a ausência de agrotóxicos, seria um diferencial de qualidade e de segurança.” Isso significa que a população

Remédios naturais são os preferidos



Saúde Pesquisas vão fortalecer o uso de fitoterápicos e plantas medicinais

O jardineiro Pedro Sanhudo, cultiva o canteiro de endro no Jardim Botânico de Porto Alegre

FOTOS: FLAVIO DUINA

pode usar sem receio, considerando os estudos técnicos e as análises que comprovam a ausência de agrotóxicos para ser comercializado não só no Brasil, mas também no exterior. “Essa é uma forma de agregar valor por meio do desenvolvimento tecnológico”, explica Paulo Mayorga.

Como funciona – O projeto se preocupa em mapear os atores envolvidos com os fito-produtos, do agricultor até a indústria de beneficiamento. Paulo Mayorga explica que uma das linhas de pesquisa mais fortes da Faculdade de Farmácia é a de produtos naturais, fito-química, tecnologias de fitoterápicos e controle de qualidade. Também o produtor intermediário receberá suporte do Centro de Desenvolvimento Tecnológico Farmacêutico (CDTF), a fim de atestar a qualidade dos extratos. O mesmo ocorrerá com o produtor final do medicamento, para o qual o Bio-Fito também prestará serviços, principalmente no tocante à qualidade do desenvolvimento de fármacos.

Atualmente, o CDTF trabalha com oito empresas que têm contratos estabelecidos para desenvolver métodos que certifiquem a qualidade dos produtos. Entre os possíveis parceiros internos, incluem-se unidades com altíssimo potencial, como as Faculdades de Agronomia, de Veterinária, de Ciências Econômicas, de Medicina, a Escola de Administração, os Institutos de Biociências, de

Ciências Básicas da Saúde, de Ciências e Tecnologia dos Alimentos, de Filosofia e Ciências Humanas e demais órgãos da Universidade relacionados aos fito-produtos.

Os parceiros externos convidados a integrar o projeto foram a Emater, Unilasalle, Cientec, Farmacopéia Brasileira, Famurs, Associação Nacional de Farmacêuticos Magistrais (Anfarmag), Sindicato da Indústria de produtos Farmacêuticos do RS (Sindifar), Conselho Regional de Farmácia do Rio Grande do Sul e representantes dos Ministérios do Desenvolvimento Agrário e da Saúde.

Para a professora Ingrid Bergman Inchausti de Barros, do Departamento de Horticultura e Silvicultura, da Faculdade de Agronomia da UFRGS, o tema não se restringe a questões agrônomicas, pertencendo a todo o campo das Ciências Agrárias. Para essa área, o manejo de plantas medicinais e a extração dos princípios ativos como recurso terapêutico é um tema novo. De acordo com a pesquisadora, até pouco tempo atrás, as plantas medicinais não eram assunto nem da pesquisa nem do ensino. O motivo é a evolução científica da indústria dos sintéticos, que teve seu auge em décadas passadas, relegando as plantas medicinais ao esquecimento.

Nas palavras de Ingrid de Barros, o trabalho ainda é incipiente, mas já foi feito um levantamento pela professora Lílian Auter Mentz, do Departamento de Botânica, do Instituto de Biociências da UFRGS. Lílian Mentz está buscando o nome científico, para fazer a identificação do vegetal, já que a maioria é conhecida por seu nome popular. “A partir daí, atuei fortemente, analisando o material do ponto de vista agrônomico, para discutir com o grupo, a fim de determinar os vegetais que poderão ser cultivados com sucesso no Rio Grande do Sul e em que região”, diz Ingrid. Hoje, existe um apelo fortíssimo para que esse material seja produzido no sistema orgânico, sem resíduos de agroquímicos.

Projeto viabiliza soluções para a agricultura familiar

Para auxiliar na resolução dos problemas da agricultura familiar e do meio rural, foi adotado um método operacional mais objetivo e de curto prazo, sem esquecer a inovação. Serão instituídas cooperativas de agricultores familiares para plantar as espécies selecionadas. Nesse sentido, foram estabelecidas parcerias com o município de Igrejinha e com as cidades do Vale do Rio dos Sinos, que já estão destinando áreas rurais para o plantio. O lado organizacional dos agricultores está a cargo do poder público municipal.

Paulo Mayorga acha que quando a cadeia produtiva estiver organizada, naturalmente haverá necessidade de incorporar inovações permanentemente, garantindo a revitalização do projeto. Segundo o diretor da Faculdade de Farmácia, o projeto envolve inclusive questões antropológicas e sociais. Para ele, é possível haver equilíbrio entre a técnica e o social, e abrir espaços para que pesquisadores de outras áreas possam participar.

“Estamos dialogando com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do estado, a organização estatal Rede-Fito, a Finep e os ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Agrário, com o intuito de implementar o Bio-Fito”, diz o diretor. No estado, a Rede-Fito, está sob a responsabilidade da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que há cinco anos promove debates, encontros e seminários para identificar as necessidades do setor.

Do ponto de vista físico, o projeto representa para a Faculdade de Farmácia a construção de um prédio anexo, financiado pelo Sindifar. Este deve concentrar laboratórios em um centro multidisciplinar de

estudos avançados sobre a biodiversidade, porém com foco nos fito-produtos. Não só medicamentos, mas também alimentos, cosméticos, plantas aromáticas e condimentares.

Mercado tranqüilo – O Rio Grande do Sul tem um parque de empresas farmacêuticas relativamente consistentes, que trabalham com produtos naturais.

A representante do Sindifar, a farmacêutica Luciana Albarnaz Gonçalves informa que a entidade se comprometeu a dar todo o suporte técnico por parte dos profissionais farmacêuticos. Segundo Luciana, há uma comissão multidisciplinar operando, para depois a indústria comprar a matéria-prima já com certificado, com laudo de análise e procedência, especificações que a legislação exige.

A previsão é de queda nos preços dos fitoterápicos (produto final), uma vez que a indústria farmacêutica precisa adquirir matéria-prima e recorre a empresas que importam material estrangeiro, já qualificado. Com o plantio de plantas medicinais orgânicas (sem agrotóxicos) em solo gaúcho, algumas tarifas podem ser eliminadas, barateando os custos dos remédios. Luciana integra o grupo que dá suporte técnico, ajudando a selecionar os vegetais que a indústria usa atualmente, indicando a planta mais compatível com o início da produção.

Para a farmacêutica, o projeto está dividido em três etapas: a curto, médio e longo prazos. Em curto prazo, a intenção é plantar aquelas que já são utilizadas na indústria. As ações a médio e longo prazos estão voltadas à inovação e à descoberta de novas plantas, com segurança e eficácia garantidas.



Plantas condimentares, como o manjeriço, têm aplicações medicinais

Espiando o céu e a história da capital

Física

Observatório Astronômico inicia as comemorações de seu centenário este mês com exposição de fotos históricas

Noite fria para uma terça-feira de novembro, metade da primavera. Do alto do observatório astronômico da UFRGS no Campus Centro, com cerca de 15 metros de altura, o vento faz diminuir ainda mais a sensação térmica. Esse contratempo, contudo, não é o que mais decepciona as pessoas ali presentes. O céu nublado daquele dia é que torna a noite inadequada para uma boa observação. O pouco tempo em que o telescópio eletrônico consegue apontar para as estrelas, porém, é o suficiente para que os netos da professora de música Rosa Behar descubram um pouco do que é a astronomia. “Acho maravilhosa essa oportunidade de observar o céu e incentivar os pequenos. É a primeira vez que venho aqui, apesar de meu marido ser físico.”

O esposo não é a única ligação de Rosa com a astronomia: sua irmã que também está presente, Miriani Pastoriza, é vice-diretora do Instituto de Física e já foi diretora do Observatório da UFRGS. A professora diz que, atualmente, só observa o céu nos telescópios por lazer, algumas vezes por ano, quando estão para acontecer eventos astronômicos. No dia seguinte haveria a passagem do planeta Mercúrio pelo disco solar. Miriani, porém, explica que as condições de observação do local não são as ideais: “Porto Alegre se localiza no nível do mar, o que já não permite boa luminosidade, e há também



FLAVIO DUTRA

muita interferência luminosa da cidade e poluição que dificultam enxergar as estrelas com nitidez.”

Esse tipo de problema ocasionado pela urbanização já levou muitos centros de observação a se deslocarem para lugares mais afastados. Foi o caso do Observatório Nacional, fundado no Rio de Janeiro por Dom Pedro II em 1822, que foi obrigado a mudar de endereço menos de um século depois. O atual diretor do Observatório Astronômico da UFRGS, professor Eduardo Bica, diz que essa atitude “extrema” não seria tomada nos dias de hoje. “Antigamente os astrônomos não tinham consciência histórica, não hesitavam em trocar um local ou instrumento defasado por outros melhores. Hoje em dia, porém, existe a preocupação em preservar sua história.” Um estudo da professora aposentada Sílvia Livi revelou que o prédio do Observatório Astronômico da UFRGS é o mais antigo do tipo no Brasil. Desde 2002 ele é tombado pelo patrimônio histórico.

Patrimônio histórico – O período entre o final de 2006 e o início de 2008 é de grande importância histórica para o Observatório Astronômico, cuja pedra fundamental foi colocada na soleira do futuro prédio pelo presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, em 8 de dezembro de 1906. Pertencente, na

época, ao Instituto Astronômico e Meteorológico da Escola de Engenharia, a edificação foi entregue em 24 de janeiro de 1908. Durante sua gestão como diretora, a professora Miriani Pastoriza pensou em formas de realizar as comemorações do centenário, começando por uma exposição de fotografias da época da construção do Observatório. As fotos pertencem aos relatórios anuais da Escola de Engenharia e mostram pesquisadores e especialistas trabalhando, além de revelar como era a cidade no início do século passado.

À época, o Rio Grande do Sul já era um estado de importante vocação rural e de industrialização e comércio crescentes. O Observatório Astronômico prestava serviços fundamentais para o desenvolvimento, determinando a hora certa local e estudando dados meteorológicos fornecidos por 34 estações no estado. Uma luneta meridiana Gautier de 75mm, localizada na Sala Meridiana (2º andar), era usada para calcular a hora através da passagem de estrelas pelo meridiano de Porto Alegre. Relógios navais, carregados no lombo de mulas, levavam o horário correto para outras cidades. Seis relógios de pêndulo eram usados para guardar a hora certa, sendo que cinco deles já foram restaurados e funcionam até hoje. Estes e outros instrumentos, como teodolitos (os avós dos GPSs), estão em exposição no pré-

dió, servindo como testemunho histórico.

A principal função desempenhada pelo Observatório hoje é a extensão. “Há vários anos existe o projeto *Astronomia para a Comunidade*, que permite o acesso do público nas terças e quintas-feiras e das escolas nas segundas e quartas à noite”, conta Bica. Os técnicos atendem as pessoas interessadas e respondem eventuais perguntas sobre o que é visto no céu. A observação ocorre na cúpula (3º andar), através de dois telescópios. O primeiro é uma luneta equatorial Gautier, encomendada em 1907, destaque do acervo histórico. O segundo, mais moderno, é eletrônico e responde às coordenadas digitadas em um controle. Em dias bons, de tempo aberto, em média 50 pessoas visitam o Observatório semanalmente. Parte desse público é cativo, mas há pessoas que vêm por curiosidade observar o céu noturno pela primeira vez. As atividades de observação se estendem até as 22h no inverno e até as 23h nas noites de verão.

Mas a UFRGS tem ainda um outro Observatório, situado no morro Santana, onde está sendo criado um Refúgio de Vida Silvestre (*leia reportagem na página 5*). Aquele observatório, montado em 1972, impulsionou a área da Astronomia e hoje dedica-se ao ensino e à extensão universitária. A exem-

plo do observatório localizado no Centro, o do Campus do Vale mantém em perfeito funcionamento os instrumentos da época de sua criação, uma tecnologia importada da antiga Alemanha Oriental no final da década de 60, direto da fábrica Zeiss.

Evolução – A ideia de astrônomos trabalhando madrugada adentro, observando o céu em seus telescópios ao ar livre, já está ultrapassada, conta o diretor Bica: “Houve uma grande evolução na astronomia nos últimos 15 anos. Todos os observatórios perto de cidades estão associados a universidades e são lugares de pesquisa, onde as pessoas trabalham em seus computadores e ocorre extensão”. Anos atrás, era preciso viajar até os melhores observatórios, como o do Laboratório Nacional de Astrofísica no Pico dos Dias, em Minas Gerais, para colher dados astronômicos. Agora, isso é feito remotamente, através de computadores.

Muitos astrônomos são saudosos da época em que era preciso estar junto ao observatório, num deserto ou lugar afastado. “Por isso, sempre que possível, programamos visitas para que os estudantes possam ir também a esses lugares”, diz o professor.

Luiz Ricardo Linch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabco

AGENDA-SE

Observatório Astronômico: 100 Anos, exposição de fotografias históricas do período de construção do Observatório Astronômico da UFRGS

A partir do dia 9 de dezembro, de segunda a sexta, das 14h às 18h

Me andar térreo e Sala Meridiana do prédio do Observatório (Av. Osvaldo Aranha, s/ nº, próximo à Praça Argentina) Entrada franca

A nova cara do vestibular da UFRGS

Mudanças

Redução em um dia no período de provas diminuirá o estresse

Ania Chala

A Universidade prepara-se para o Concurso Vestibular 2007, que terá muitas novidades. A principal delas é a redução em um dia no período de provas, que vai de 7 a 10 de janeiro.

Segundo o pró-reitor de Coordenação Acadêmica, Pedro Cezar Dutra Fonseca, a mudança colaborará para diminuir o estresse dos vestibulandos e de suas famílias. “Era uma demanda antiga da comunidade que procuramos atender, compatibilizando-a com a manutenção de nosso padrão de qualidade, o qual é um ponto acadêmico de que não se pode abrir mão.”

Contudo, o encurtamento do período de provas não muda a data de divulgação do listão dos aprovados, que só será definida após o encerramento do Concurso.

Outra modificação é que as pro-

vas serão aplicadas simultaneamente nas cidades de Porto Alegre, Alegrete, Bento Gonçalves e Carazinho. De acordo com o pró-reitor, a UFRGS tem uma equipe com larga experiência na Comissão Permanente de Seleção (Coperse). “O primeiro Concurso Vestibular descentralizado é um novo desafio que, temos certeza, será vencido”, disse o professor.

Pedro Fonseca informou que a divulgação do gabarito será feita no mesmo dia da realização da prova, mas como o material de cada prova tem um prazo de deslocamento das cidades até a

Coperse, o gabarito será divulgado diariamente às 20 horas.

Quanto à redução no número global de candidatos inscritos, o pró-reitor Pedro entende que há um gradativo aumento de oferta de cursos superiores no interior, sejam públicos, privados ou comunitários. Por outro lado, há um fator estrutural, que é a diminuição da taxa de crescimento demográfico.

“Acostumamo-nos com demandas crescentes, devido ao padrão histórico dos dados populacionais do País, mas este aumento deve estabilizar-se no longo prazo”, avalia o professor, para quem, se hou-

ver mudanças significativas no acesso e permanência dos alunos no ensino fundamental e médio, possivelmente haverá um aumento na demanda por cursos superiores.

“O crescimento até agora verificado só pode ser alterado por políticas públicas na área educacional. Para a nossa Universidade não haverá conseqüências, pois a qualidade continuará sendo seu grande fator de atração. Mas o crescimento desordenado do ensino superior privado nos últimos anos vai mostrar um custo social. Em muitos locais já há sobra de vagas, sem contar a baixa qualidade do ensino.”



Livros

Levantamento do Ibope surpreendeu ao revelar que os gaúchos lêem 5,5 volumes ao ano

Marcelo Spalding*

“Imagine a seguinte cena: uma noite, daquelas em que você está mais possuído do livro, lê com expressão uma das páginas mais comoventes da sua biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não podem conter os soluços que rompem lhes o seio. Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, você também, cerrando ao peito o livro aberto, dispara em pranto, e responde com palavras de consolo às lamentações de sua mãe e suas amigas. Nesse instante assoma à porta um padre, já assustado com o choro que ouviu ao entrar. Vendo a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturba-se:

– Que aconteceu? Alguma desgraça? pergunta arbatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do padre o pranto, e evitar os seus remos, não proferem palavra. Mas você responde:

– Foi o pai de Amanda que morreu! diz mostrando-lhe o livro aberto.

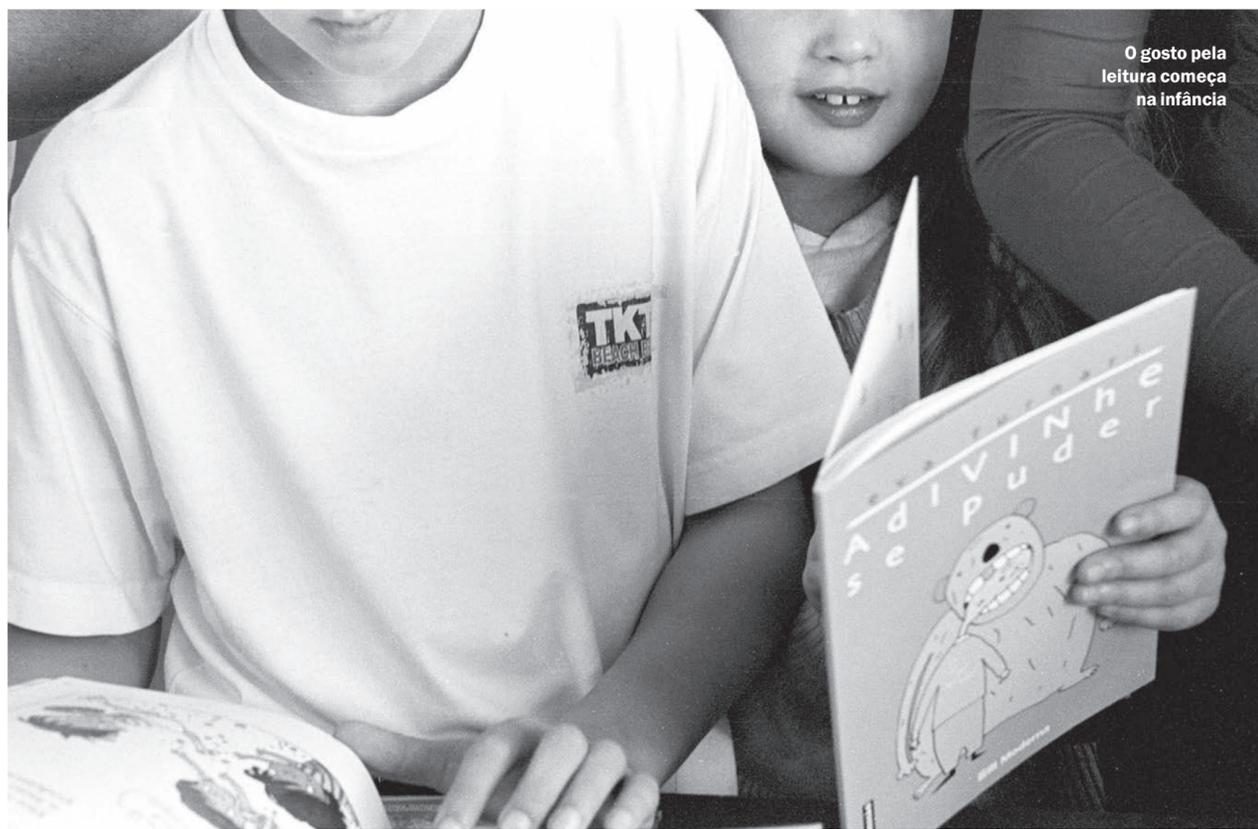
Compreende o padre e solta uma gargalhada.”

Evidentemente esta não poderia ser uma cena contemporânea, desses tempos de televisão na sala, na cozinha e nos quartos, Internet banda larga 24 horas e economia de lágrimas para as desgraças hollywoodianas. E, de fato, a cena acima é narrada por José de Alencar em “Como e por que sou romancista”, texto de 1873. Hoje, diz-se, ninguém lê nada, muito menos literatura (poesia, então, é uma tristeza). Hoje, diz-se, a criança só quer saber de *mouse* e teclado, de velocidade, imagens. Hoje, diz-se, não há como o livro competir com o cinema e suas megaproduções.

Mas entre o diz-se e a realidade há uma enorme carência de dados objetivos com os quais trabalhar, e foi para medir esse aparente desinteresse pela leitura e criar ferramentas capazes de reverter este quadro que a Câmara Rio-grandense do Livro, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos e o Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe, da Unesco, contratou o Instituto Ibope para realizar uma pesquisa completa sobre os hábitos de leitura dos gaúchos.

Foram entrevistadas 1.008 pessoas em 60 cidades entre os dias 22 e 26 de outubro de 2006. A pesquisa revela, por exemplo, que 70% dos entrevistados costumam ler jornais, 65% lêem revistas e 62% costumam ler livros, enquanto apenas 21% afirmaram ter o hábito de ler textos na Internet. Entre as motivações para a leitura do livro, metade afirmou que lê por prazer ou gosto, 12% por exigência escolar e acadêmica e apenas 5% por exigência do trabalho. Se formos além nos resultados, veremos ainda que a preferência pela leitura começa na infância, aumenta em relação proporcional ao aumento do nível de

Pesquisa revela alto índice de leitura no Rio Grande do Sul



O gosto pela leitura começa na infância

BETE ROCHA/PROIETO CONTATO

instrução e alcança seu ponto mais alto entre os 25 e os 39 anos, começando a diminuir, sensivelmente, a partir dos 40.

O dado mais comentado, importante e surpreendente, porém, é o de número de livros lidos por ano por pessoa no estado: 5,5. Na edição do mês passado deste jornal, em que entrevistamos alguns ex-patronos da Feira do Livro, Donald Schüller contou que em seu patronato propôs à Câmara uma forte campanha que elevasse o índice de leitura de Porto Alegre para 6 livros por ano *per capita* até 2010, índice comparável ao dos EUA e três vezes maior do que o atual índice brasileiro, de 1,8 livros por ano. Na ocasião, Jussara Rodrigues, da Câmara Rio-grandense do Livro, comentou que seria divulgada

A metade dos entrevistados lê por prazer e 12% por exigência

uma pesquisa na Feira para se começar a trabalhar em prol desta meta, mas o que nem ela esperava é que o número inicial fosse tão alto. “Os resultados surpreenderam, pois as pesquisas realizadas no Brasil até hoje chegavam sempre a uma média de leitura que não atingia 2 livros por ano”, destaca Jussara. Ela faz questão de lembrar ainda que a pesquisa foi “aplicada com todo o rigor de parâmetros internacionais”.

Também entre escritores e pessoas ligadas à literatura, o sentimento geral é de satisfação e surpresa, ainda que com alguma dose de cautela. Airton Ortiz, um dos autores mais vendidos na Feira, é dos mais entusiasmados e atribui o resultado “a um trabalho a longo prazo que vem sendo desenvolvido no estado, especialmente pela Câmara, pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e pelas editoras locais”. Cita como exemplo a Feira do Livro de Porto Alegre, pois “graças a ela hoje todo município

gaúcho tem uma feira própria, e graças a essas feiras, a maioria das escolas têm a sua feira interna; essa moda pegou e o resultado está aí”. O escritor lembra ainda que o RS é o único estado brasileiro fora do eixo Rio-São Paulo onde existem editoras profissionais e que Porto Alegre é a única cidade brasileira, fora desse eixo, onde vivem escritores com repercussão nacional.

Trabalho de instituições – Luiz Paulo Faccioli, presidente da Associação Gaúcha de Escritores, diz que a pesquisa “embora não pareça muito confiável, tampouco surpreende”. Não surpreende porque, para o escritor, a quantidade de autores gaúchos, a posição da nossa literatura no cenário nacional e a quantidade de feiras que existem pelo estado já são indicativos de que “um povo que produz e valoriza tanto a literatura só pode ser mesmo privilegiado com um contingente maior de leitores”.

Por outro lado, Luiz Paulo diz desconfiar sempre desse tipo de pesquisa e questiona os parâmetros utilizados.

Opinião semelhante tem Regina Zilberman, diretora do Instituto Estadual do Livro e professora da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Apesar de saudar o índice obtido e algumas conclusões – como a confirmação de que os professores são os que mais estimulam a leitura –, afirma que os dados precisam ser confirmados por outras variáveis, quantitativas e mais objetivas. A professora lembra que “foram feitas entrevistas com um certo número de pessoas, e os resultados baseiam-se nas respostas, à moda das pesqui-

sas em época de eleição”. Desta forma, sugere que os resultados obtidos sejam contrapostos a dados quantitativos, que informem sobre vendagem de livros em livrarias e outros pontos de venda, empréstimos em bibliotecas públicas e escolares, entre outros. Para Regina, “sem esse contraponto e análise comparativa, o resultado talvez não corresponda à realidade, pois as pessoas podem declarar, na entrevista, o que desejarem”.

Sobre a metodologia, a professora Jandyra Fachel, do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática da UFRGS, afirma que “o tipo de amostragem por quotas reproduz a distribuição da população por sexo, idade e outras variáveis sócioeconômicas fundamentais, tornado a amostra mais eficiente para estimar os verdadeiros valores da população inteira, sem ter que pesquisar uma amostra muito grande”. A professora compara essa pesquisa com as pesquisas pré-eleitorais, que também utilizam uma amostragem por quotas e com as quais o Ibope trabalha há mais de 50 anos, o que garante, ainda segundo Jandyra, que “pesquisa encomendada e feita pelo Ibope é séria e tem valor como uma estimativa dos tópicos por ela abordados”.

Parece evidente, neste momento, que a novidade do número e o desconhecimento dos detalhes da pesquisa causam ao mesmo tempo orgulho e desconfiança, mas ainda que não seja definitiva, a pesquisa e seus resultados são um grande instrumento para quem quiser lidar com o desafio da leitura no Brasil e no Rio Grande do Sul, um desafio difícil de ser superado, mas que não se mostra tão inalcançável assim.

* Jornalista formado pela Fabico e mestrando em Literatura Brasileira

Resultados interessantes

A leitura ocupa o quarto lugar entre as atividades que os gaúchos realizam em seu tempo livre, ficando atrás somente de assistir televisão, ouvir música e ouvir rádio, porém acima da prática desportiva e da ida a competições esportivas;

50% dos entrevistados afirmaram ler por prazer ou gosto, 12% por exigência escolar ou acadêmica, 5% não são alfabetizados e 8% não costumam ler;

33% são considerados grandes leitores, lêem mais de cinco livros por ano; 20% lêem de 2 a 4 livros por ano, 11% lêem um livro por ano e 27% não lêem;

Entre os tipos de livro que o leitor costuma ler, 24% são de religião, 20% são livros infantis, 20% romance e conto, 20% poesia, 16% livros didáticos e 16% história em quadrinhos;

Para 33% dos leitores, o pai foi a pessoa que lia para eles quando eram crianças, enquanto para a outra parte, este papel foi desempenhado pela mãe. Já 86% dos leitores reconhecem que seus professores liam em classe sempre ou algumas vezes;

41% afirmaram que não compram livro, enquanto 38% compram por entretenimento e lazer e 19% porque a escola/faculdade exige;

60% não mencionaram nenhum escritor brasileiro que admiram; 7% lembraram de Mario Quintana, 6% de Paulo Coelho e 5% de Erico Veríssimo, entre outros.

Carlos Alberto Trindade

Olhando a vida pelo lado bom

Ademar Vargas de Freitas

Se a coluna vertebral não acusasse os golpes sofridos ao longo do tempo, Carlos Roberto Trindade ainda estaria subindo em poste, entrando em tubulações, trabalhando deitado sobre estrados ou fazendo algum outro procedimento arriscado que a profissão de técnico em telefonia sempre exige. Em maio de 2006, depois de 22 anos de atividade, ele se afastou do trabalho na UFRGS para tratar de três hérnias de disco que há algum tempo vêm perturbando sua alegria de viver.

Quando mudou-se de Alegrete para Quaraí, aos 13 anos de idade, foi morar a uma quadra e meia do quartel do 5º Regimento de Cavalaria, onde mais tarde prestaria o serviço militar. Era 1964, e ele não entendia a movimentação do Exército.

Desde que veio para Porto Alegre, aos 21 anos de idade, Carlos Roberto sempre trabalhou com cabos e fios, às vezes na rua, debaixo de barraquinhas, fazendo cortes, implantando redes. Foi funcionário da Companhia Carris e fez cursos técnicos de telefonia no centro de treinamento da CRT (empresa telefônica estatal privatizada pelo governo Antônio Britto). Começou com o cabo parafinado: "A gente afrouxava a emenda da luva com parafina aquecida por maçarico a 180°C, e usava um cravador para abrir o conjunto de fios a serem cortados,



Evolução

O técnico em telefonia relembra as transformações da Universidade ao longo de mais de 20 anos de atuação

"Quando comecei, fios de telefone ainda eram amarrados em árvores"

conectados ou isolados". Em 1975, os americanos inventaram o conector Baigoa, e as emendas passaram a ser feitas a seco.

Em 1982 ele foi convidado a trabalhar na UFRGS, mas só pôde aceitar depois de concluir uma obra em Rio Grande, a transferên-

cia de prédio da central telefônica da cidade, que mexeu com 200 mil linhas, entre velhas e novas. "Quando comecei a trabalhar aqui, em novembro de 1984, trazido pelo engenheiro Reginaldo Irigaray, muitos fios de telefone ainda eram amarrados em árvo-

res, e alguns servidores mantinham linhas particulares."

Ele diz que, atualmente, toda a fiação dos *campi* é subterrânea, e a central telefônica montada em 1989 é super-moderna, talvez a mais moderna da América do Sul, sempre à frente da versão das cen-

trais públicas. "Tem cerca de dez mil linhas, e os telefones são todos por tubulação. Além dos cabos de telefonia, passam pela UFRGS os cabos de fibra óptica do supercomputador. São 10 mil metros de fibra óptica e uns 50 mil metros de cabos de telefone com 200 pares."

Duas mães, três irmãos e um bebê

Carlos Roberto nasceu em Alegrete, no dia 28 de junho de 1951. Quando o pai morreu, ele tinha 8 anos, era o mais velho de quatro filhos. Para completar, um tio se adonou das terras que João Trindade deixou, e Margarida, a mãe, resolveu tentar a sorte em Quaraí, na fronteira com o Uruguai. Foi sozinha, conseguiu emprego numa casa de família e voltou para buscar os filhos. Levou Carlos Roberto, Gislaíne e Ivani, mas o caçula, Juarez, ficou com o padrinho.

Tempos depois, a mãe ficou doente e foi hospitalizada em Artigas, cidade uruguaia na margem esquerda do rio Quaraí. Após receber alta, foi trabalhar na casa de uma enfermeira que conheceu do hospital. Mais tarde, uma das filhas, Gislaíne, mudou-se para Montevidéu, levando a mãe e a irmã. Hoje, as três moram numa vila, perto do aeroporto de Carrasco.

Carlos Roberto ficou em Qua-

raí, na casa onde a mãe trabalhava: seo Luiz e dona Carmen Pozzer, professores estaduais, tornaram-se seu segundo pai e sua segunda mãe. "Ela terminou de me criar e me deu a educação que tenho hoje", reconhece ele. Esse relacionamento familiar também lhe trouxe um irmão-filho. "Ajudei a criar o Antônio Euclides, filho de minha mãe de criação, fui babá dele, que hoje está com 42 anos, é médico casado com uma médica e tem um filho, o Rodrigo, de 8 anos, que considero como um neto."

Antes de vir para Porto Alegre, em 1973, Carlos Roberto estudou até a sétima série, na Escola Brasil, e serviu ao Exército. Chegou à Capital com a bênção e a ajuda dos pais adotivos, que além da mesada, mandavam roupas e lhe transmitiam carinho a distância.

Banzo – Carlos Roberto chorou muito, sozinho, num quarto de pensão na rua Sarmento Leite, ou-

vido as músicas românticas de Roberto Carlos. Estava acostumado com outra vida: no interior, andava a cavalo, namorava, frequentava a prainha do rio Quaraí, em Artigas, jogava futebol e torcia pelo Brasil de Quaraí.

Longe de tudo, seu consolo era torcer pelo Colorado e pensar na namorada, Olga, que ficara na Fronteira, onde ele tinha sido feliz sem se dar conta disso. E mais uma vez pôde contar com o carinho da família. "Meu pai de criação veio me ver, saber onde eu estava, com quem me relacionava. Isso me ajudou muito."

Ele até mudou de endereço, foi para a pensão da dona Pedrinha, na rua Riachuelo, onde ficou morando com Olga depois do casamento, ocorrido em 1974. Dona Carmen não pôde assistir à cerimônia, mas três anos depois chegou para batizar a neta, Carla Roberta.

Da pensão, o casal saiu direto para a casa própria na Restinga,

construída e financiada pelo Departamento Municipal de Habitação (Demhab). Para concorrer ao sorteio, em 1976, recusou um contrato de trabalho na Bahia, ganhando o que hoje seria uns 7 mil reais. No terreno de 10m por 12m só havia um quartinho, a sala, uma cozinha pequena e um banheiro.

Lareira e piscina – Tudo o que Carlos Roberto ganhou com seu trabalho, investiu na casa, que hoje tem fachada revestida com tijolo à vista, sala, dois quartos, cozinha ampla, com lareira, e garagem. No que restou como pátio, mandou instalar uma piscina 4mx2m. E, na garagem, tem um Gol 2000.

A esposa, Olga, que costurava para fora, agora está aposentada, mas faz arranjos de Natal, tece num tear artesanal e expõe seus trabalhos em diversos lugares. Ela mantém o quarto da filha sempre arrumado. Carla Roberta formou-se em terapia ocupacional no IPA, casou-se

com um técnico da Corsan, Hélio Alvarez, e foi morar em Rio Grande, onde trabalha num hospital e mantém uma clínica.

Sobre a Restinga, Carlos Roberto diz que ali tem de tudo, como em qualquer lugar, e é preciso ter cuidado, mas os vizinhos são ótimos. "Tem clube, CTG, escola de samba, mas minha diversão é ficar acordado de madrugada para controlar os quatro canais de esporte da Sky, em busca da transmissão de provas internacionais de hipismo. Fui cavalarião no quartel, e minha filha usa cavalos em seu trabalho de terapia ocupacional. Se tivesse dinheiro, eu teria um cavalo na Hípica."

A vida parece boa para Carlos Roberto. O que atrapalha são as três hérnias de disco (uma no cóccix), que provocam muita dor na coluna vertebral e levam a crises que às vezes o abrigam a andar de muletas. Ele aguarda um chamado do SUS para fazer a primeira cirurgia.

DOR QUE NÃO PASSA

"Já tomei muita injeção, até de morfina. As crises são terríveis: não se pode caminhar, se fica o tempo todo na cama, com uma bolsa de gel quente nas costas. É uma dor contínua, direta, 24 horas por dia, até passar a inflamação. Se tiver condições, vou trabalhar mais um ano ou dois e depois, me aposentar."

ORGULHO PROFISSIONAL

"Eu coloquei o primeiro cabo plástico subterrâneo no Rio

Grande do Sul, em Jaguarão, numa ação experimental da CRT, em 1977, com orientação da Pirelli. Também fui eu que instalei o primeiro cabo plástico aéreo do Rio Grande do Sul, na rua da Fenac, em Novo Hamburgo."

OS COMPANHEIROS

"Quando entrei, o reitor era Francisco Ferraz, o prefeito era o engenheiro Emanuel dos Santos Gomes, e o meu chefe era o Edison Melo de Abreu. Éramos quatro técnicos: eu, o Volnei Camejo, o Valdir Wilson de

Souza e o Antônio Fernandes Filho. O Campus do Vale tem mais dois técnicos, o Hildo e João. Nosso chefe é o engenheiro Ricardo Pufal, diretor de toda a telefonia da UFRGS, subordinado ao pró-reitor de Infra-estrutura, Darci Campani."

A MAIOR DIFICULDADE

"A maior dificuldade para nós, técnicos em telecomunicação da UFRGS é a terceirização. Quando se vê, estão fazendo uma obra sem a gente saber. E a gente tem um traçado de toda a Universidade,

todos os *campi* estão tubulados. Se soubéssemos com antecipação, estaríamos lá para cuidar, evitando enganos e até acidentes. Já ocorreu de cortarem cabos e deixaram um departamento mudo."

AMIGO BICHO

"O gato Nenê, um angorá cinzento e grande, comia os filhotes de peru dos vizinhos, em Quaraí. Um dia foi envenenado e se escondeu para morrer. Aqui na Restinga, eu tive uma cachorra muito bonita e superinteligente, a Dana, que era o xodó da

casa. Adoeceu, sofreu várias cirurgias mas acabou morrendo, tivemos que sacrificar. Por isso, não queremos mais ter bichos."

VIVA O NORDESTE

"Todo mundo quer ir à Europa, aos Estados Unidos, visitar lugares distantes e exóticos. Eu não penso assim. O meu grande sonho é viajar pelo meu país, conhecer o Nordeste. Quero ir ao Ceará, a Pernambuco, à Bahia. Conhecer o Brasil já está muito bom para mim."

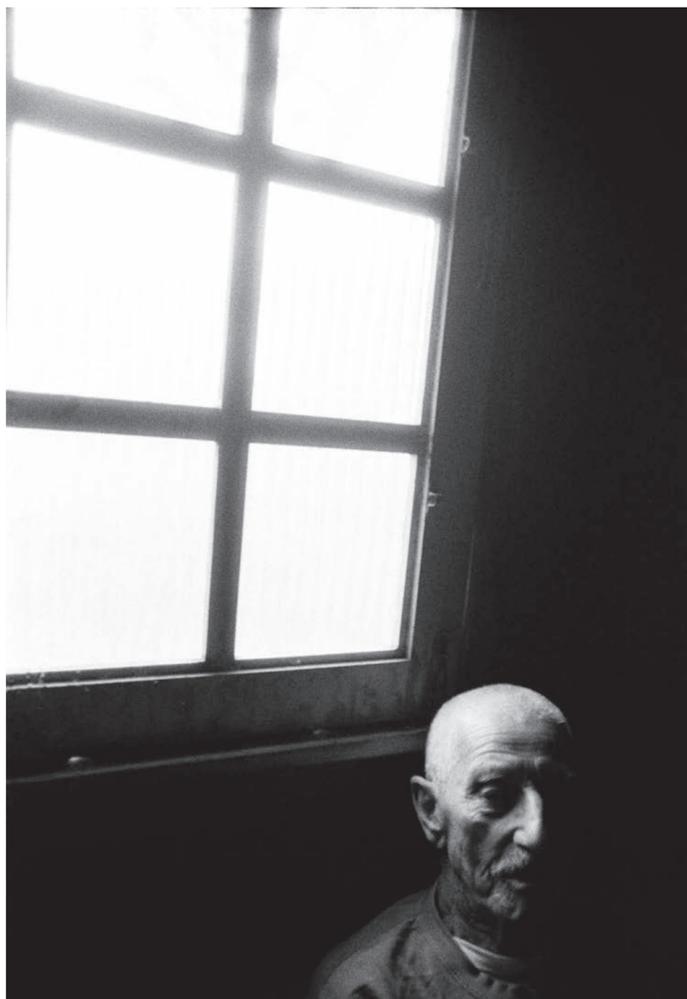


“Num canto, um armário cheio de cartas e fotografias dos netos. (...) Por todo lado, detalhes como linhas de pesca em locais inusitados. Na cozinha, o relógio batendo cinco horas”



Seu Candinho

RITA ROSA



“(…) Numa sala, um sofá de dormir a sesta no verão e retratos de casamento, na parede, todos de casais diferentes”



Flávio Dutra

No filme *Asas do Desejo* (1987), do diretor alemão Wim Wenders, anjos olham e atendem humanos que vivem seus desesperos cotidianos. À maneira que lhes é peculiar, anjos zelam, mas não interferem. São quase voyeurs. A metáfora pode ser aplicada à fotografia e aos fotógrafos? Susan Sontag, ensaísta norte-americana falecida há pouco, em um livro chamado “Sobre fotografia” (*Companhia das Letras, 2004*) diz que não, que o mero ato de observar, interfere, inspira e, assim, ajuda a constituir as cenas que serão retratadas. A questão eterna da fotografia, nesse caso, é aquela em cima da qual se constituiu o meio desde seu surgimento em 1839: trata-se de realidade em uma fotografia? As imagens desta página, da estudante de Ciências Sociais da UFRGS, Rita Rosa, mostram um pouco da casa e da vida de seu Candinho, 96 anos, pescador de Rio Grande. Na forma de trabalhar de Rita, mais que o instantâneo “objetivo”, lhe interessam as possibilidades de fotografar suas percepções do ambiente, interferindo nele ou não. No caso destas imagens, fotografar uma casa, bem mais que ambientes e arquitetura, é fotografar intimidades. Segundo Rita: “A casa tinha paredes de madeira coloridas, sala azul, quarto cor-de-rosa, cozinha verde. Numa sala, um sofá de dormir a sesta no verão e retratos de casamento, na parede, todos de casais diferentes. Num canto, um armário cheio de cartas e fotografias dos netos. Para seu Candinho e sua esposa, quartos separados, com imagens de santas e terços sobre as camas. Por todo lado, detalhes como linhas de pesca em locais inusitados. Na cozinha, o relógio batendo cinco horas”.





FLAVIO DUFRÁ

Dois anos de conquistas

Para cumprir seu propósito permanente de fortalecer-se como instituição reconhecida no ensino, na pesquisa e na extensão, a UFRGS desenvolve rotinas de trabalho muitas vezes não percebidas, interna ou externamente, as quais integram o cotidiano da Universidade. Em função de suas múltiplas atribuições, não é fácil descrever essa máquina administrativa, que se estrutura para produzir desde um simples memorando até a construção de novas salas de aula para atender à demanda crescente de estudantes em todos os níveis de formação.

Se, por vezes, o bom trabalho de quem está à frente de órgãos com atribuições burocráticas ou administrati-

vas não é perceptível, qualquer atraso no atendimento de determinadas demandas, rapidamente se destaca como ponto negativo. Daí a importância de exporem-se, periodicamente, os bastidores das ações implementadas pela administração para garantir o perfeito andamento das atividades institucionais.

A UFRGS tem uma estrutura administrativa composta por 2.686 professores e 2.460 técnicos-administrativos para promover manter e ampliar atividades que atendem mais de 33 mil alunos, entre graduação, pós-graduação, ensino médio, fundamental e técnico. A realização de encontros científicos, o oferecimento de programas culturais permanentes e a promoção de se-

minários, debates e discussões são atividades que integram o cotidiano do conjunto dessa população. Além disso, as pesquisas, as atividades de extensão e os convênios realizados proporcionam benefícios diretos e indiretos a diferentes segmentos do estado e do país.

Em cada uma das pró-reitorias, secretarias e órgãos da administração, há um grande número de ações, obras e inovações para melhor atender estudantes, professores e técnicos, além de novas possibilidades para aqueles que, mais adiante, serão alunos desta instituição. São essas inovações, pequenas ou grandes, que elevam a UFRGS a uma posição de destaque em relação às demais instituições de ensino

superior do Brasil.

A comunidade da UFRGS se expressa através das várias instâncias acadêmicas e de representação, consagradas estatutariamente, e para onde canaliza suas demandas, seus anseios e suas propostas. Quem está à frente da Administração, todavia, defronta-se com a limitação dos recursos e com a necessidade de ampliá-los no sentido de acolher as demandas da comunidade, fortalecendo-a academicamente. Para isso, criou-se a Assessoria Especial de Captação de Recursos.

Assim, junto com as iniciativas de professores, pesquisadores e técnicos, aparece agora uma iniciativa institucional na busca de captação de recursos. Com ela, espera-se o surgimento de

novas oportunidades e que se possa acompanhar as atividades de fomento de agências nacionais e internacionais.

Neste encarte, apresentamos uma amostra das atividades e realizações da UFRGS nos últimos dois anos. Iniciativas exitosas, principalmente em se considerando o quadro de escassez de recursos. Elas ajudam a evidenciar que criatividade, trabalho e dedicação muito podem construir, principalmente quando há espírito público e disposição para o trabalho em equipe. Com isso, acreditamos estar vamos abrindo um caminho público e compartilhado, que faz parte da riqueza histórica desta Universidade, rumo a um futuro ainda mais promissor.

Qualidade na formação docente e discente

Mudanças na graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão. **Página 2**

Ampliação de fronteiras acadêmicas

Acordos com universidades estrangeiras e novos sistemas de avaliação. **Página 3**

Relação com a comunidade universitária

Investimentos em infra-estrutura, preservação do patrimônio histórico e tecnologia. **Página 4**

Iniciativas da extensão universitária

Realização de projetos e programas educativos e culturais que estreitam os laços com as comunidades populares caracterizam ações extensionistas

Ações de destaque da Pró-reitoria de Extensão no biênio 2005-2006 são a participação nas operações Amazônia e Acre do Projeto Rondon, que envolveram alunos de diferentes cursos da UFRGS; e o programa *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares* (MEC/Secad – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), que atende a 118 bolsistas estudantes universitários de origem popular.

Outra iniciativa importante é o curso de extensão *A Educação e os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros*, destinado a professores e educadores das prefeituras municipais de Porto Alegre, Alvorada, Cachoeirinha, Canoas e Viamão, e aos estudantes de graduação de UFRGS. Este curso visa a dar sustentação ao projeto político-pedagógico e à proposta curricular do ensino básico, comprometido com a educação das relações étnico-raciais, conforme prevê a Lei 10.639/03 que determina o ensino da história da cultura negra nos três níveis de ensino.

Em 2006, o Planetário José Baptista Pereira criou, exclusi-



RICARDO DE ANDRADE
Espetáculo "Baile de Carnaval" marcou o encerramento da programação de 25 anos do projeto Unimúsica

vamente para comemorar o centenário de Santos Dumont o programa *Voar: do sonho à realidade*, iniciativa inédita no Brasil. O Planetário também desenvolveu o programa *Planetário vai ao Hospital*, no qual sua equipe visita o Hospital da Criança Santo Antônio promovendo atividades dentro do tema "Preservação da Natureza Começa na Infância".

O Museu da UFRGS apresentou em 2005 três exposições:

Antes dos dinossauros - A Evolução da Vida e seu Registro Fóssil no RS, com fósseis que integram o acervo do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências; a mostra fotográfica *Açores e Brasil: uma troca de experiências*, produzida pelo Gabinete de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e Extensão em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura; e *Total presença - gravura*, que apresentou o resul-

tado parcial da pesquisa para a informatização do acervo artístico e documental da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. Até o final deste ano, o Museu segue apresentando a exposição *Homem-Natureza: Cultura, Biodiversidade e Sustentabilidade*, organizada em parceria com a Copecul, que propõe a descoberta do meio ambiente através da arte e da ciência.

Por fim, os 25 anos do tradi-

cional projeto Unimúsica foram assinalados por programação comemorativa, voltada para a divulgação das festas e folguedos populares, alcançando grande sucesso de público e resgatando o trabalho de artistas de diferentes regiões do país. Os pontos altos da programação foram o anúncio do lançamento, em novembro, de um concurso nacional de marchinhas de carnaval e o espetáculo *Baile de Carnaval*.

A expansão da Pós-graduação

Ação decisiva no apoio à implantação de programas de pós-graduação em outras instituições de ensino

No âmbito da Pós-graduação, a UFRGS é reconhecida por sua ampla cooperação e seu papel de liderança no estado e no país. Dentre as novidades na área, destaca-se a criação de três novos cursos de ensino de Ciências e Matemática, envolvendo a capacitação

de professores do ensino básico: os mestrados acadêmicos em Educação em Ciências – Química da Vida e Saúde, e em Ensino de Física; e o mestrado profissional em Ensino de Matemática.

Também foram implantados os mestrados acadêmicos em Ciência e Tecnologia de Alimentos, Microeletrônica e Ciências dos Materiais; os mestrados profissionais em Engenharia de Minas, Metalurgia e Materiais e em Engenharia de Produção; e os cursos de doutorado em

Microbiologia Agrícola e do Ambiente e em Enfermagem.

Em junho do ano passado, foi realizado o 1º *Seminário de Avaliação Institucional da Pós-graduação*, no qual se promoveu a avaliação institucional dos Programas de Pós-graduação da UFRGS, por meio da análise de seu desempenho e do estabelecimento de metas de desenvolvimento, por programa e por área.

A Pró-reitoria de Pós-graduação tem atuado no apoio à implantação e consolidação da pós-

graduação em outras instituições de ensino superior, promovendo turmas de mestrado e doutorado interinstitucional que capacitaram docentes e pesquisadores na Universidade de Caxias do Sul (UCS), na Universidade de Passo Fundo (UPF), na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), na Universidade Federal Tecnológica do Paraná, na Universidade do Estado de Mato Grosso e na Universidade Católica de Goiás. A Pós-graduação participa ainda

do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica-Procad/Capes com 12 projetos, sendo que em sete deles a Universidade está na coordenação-geral e nos restantes participa como equipe associada.

A exemplo do que ocorre na graduação, na pós-graduação já é possível a diplomação simultânea em instituições de dois países, através da expansão da modalidade na cooperação internacional e da regulamentação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

Pesquisa integrada à formação do estudante

A implantação de dois novos centros de pesquisa vai ampliar a integração da UFRGS com outras universidades e com o setor produtivo

As iniciativas da Pró-reitoria de Pesquisa (Propesq), refletem a preocupação constante com a inovação e o oferecimento de oportunidades para a formação de jovens pesquisadores. Nesse sentido, cabe ressaltar a primeira edição do Salão UFRGSJovem, realizado neste ano de forma integrada ao Salão de Iniciação Científica e à Feira de Iniciação Científica. Foi um espaço multidisciplinar para a divulgação das atividades de iniciação científico-tecnológicas desenvolvidas por alunos e professores da educação básica e de formação profissional no âmbito das escolas. A 1ª Mostra de Pesquisa e Pós-

graduação – Mostraufgrs, e a 1ª Feira de Inovação Tecnológica – Inovaufgrs, eventos realizados em 2005 em conjunto com as pró-reitorias de Graduação e de Pós-graduação e pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico, também constituíram-se em novos espaços para a divulgação das atividades de pesquisa, pós-graduação, inovação e desenvolvimento tecnológico da UFRGS.

No verão deste ano, o projeto *Férias mais que divertidas no Ceclimar* ofereceu oficinas especialmente dirigidas à educação ambiental e à iniciação científica de crianças veranistas ou moradoras do litoral.

No campo da melhoria da infra-estrutura para a pesquisa, a Pró-reitoria organizou, em parceria com o Centro de Supercomputação (Cesup), a Gradeufgrs. Trata-se de um modelo computacional capaz de alcançar alta taxa de processamento, dividindo tarefas entre diversas máquinas e poden-

do constituir-se em rede local ou de longa distância, que formam uma máquina virtual. Através da Gradeufgrs os pesquisadores da Universidade poderão executar aplicações paralelas, agregando recursos computacionais de diferentes unidades da instituição.

A Propesq também está envolvida na implantação de dois novos centros: o Centro de Ensino e Pesquisa em Meteorologia e Ciências Afins do Mercosul e o Centro de Nanociência e Nanotecnologia da UFRGS. O primeiro, sediado na Universidad de la República, em Montevideu (Uruguai), foi criado durante a XXVII Reunião de Ministros de Educação do Mercosul. Este Centro terá uma política de formação e de atração de recursos humanos em atividades de ensino e pesquisa em rede, aspectos centrais para o desenvolvimento e a integração das potencialidades existentes neste campo do conhecimento na re-



RICARDO DE ANDRADE
Alunos e professores da educação básica e de formação profissional participaram da primeira edição do Salão UFRGSJovem

gião do Mercosul. Já o Centro de Nanociência e Nanotecnologia da UFRGS contribuirá para o crescimento da pesquisa nessa área no estado e no país, e para maior integração da Universidade com o setor produtivo. Ele será uma instituição descentralizada fisicamente, contando com mais de 100 pesquisadores, incluídos aí alunos vinculados a instituições nacionais e estrangeiras.

Inovação na gestão da graduação

A criação de um espaço acadêmico destinado à divulgação e à reflexão sobre as experiências relacionadas ao desenvolvimento de graduação foi o principal objetivo da abertura do Salão de Graduação. Realizado de forma articulada com o 2º Salão de Educação a Distância, o evento buscou dar maior visibilidade às experiências consagradas na graduação.

Para qualificar as atividades de ensino da Universidade, a Pró-reitoria de Graduação e a Editora da UFRGS lançaram recentemente a *Série Graduação*, constituída por livros de autoria dos docentes que ministram as disciplinas, garantindo assim sua efetiva utilização e a valorização da produção acadêmica dos professores. Os volumes da Série serão comercializados a baixo custo e com descontos especiais para estudantes da Universidade associados a um Programa de Fidelidade. Os docentes autores também terão descontos na aquisição de outras obras da Editora.

Na área da ampliação da oferta de cursos, foi lançada em 2006 a graduação em Ciências Biológicas: ênfases em Biologia Marinha e Costeira, e em Gestão Ambiental Marinha e Costeira, oferecida em consórcio com a Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS). Este curso é o primeiro no país desenvolvido em conjunto entre uma universidade federal e uma estadual.

Outros cursos novos, que tiveram seu primeiro vestibular realizado em 2006, foram as graduações em Engenharia Ambiental e Design. Um importante avanço em termos da legislação acadêmica institucional foi a instituição do *Programa Especial de Graduação*, concebido para possibilitar a oferta de cursos novos, de forma não regular, com número limitado de edições e com processo seletivo específico. Dois cursos na modalidade a distância já estão em atividade amparados por este programa: Pedagogia e Administração.

Além disso, temas de elevado impacto institucional na graduação vêm sendo discutidos: as ações afirmativas e a forma do concurso vestibular. Em agosto e setembro deste ano, dois eventos reuniram a comunidade acadêmica e os movimentos sociais para discutir as cotas étnicas e sociais. A questão do formato do Concurso Vestibular foi debatida em encontro promovido pela Câmara de Graduação, no qual foram apresentadas experiências em termos da forma e da organização do curso.

Finalmente, um avanço significativo foi realizado no procedimento de matrícula, que hoje pode ser realizada totalmente através do Portal do Aluno.

Acordos de cooperação com universidades estrangeiras

Universidades da Ásia, da Oceania e da África estão mais próximas da UFRGS, enquanto instituições da América Latina passaram a desenvolver intercâmbios regulares

Em 2006, a Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais ampliou os espaços de cooperação da UFRGS, fazendo-a presente em todos os continentes. Nesta linha, destaca-se a cooperação com a Ásia e a Oceania, pelos acordos com a China, a Coreia do Sul, a Turquia (energia nuclear) e a Austrália (informática), importantes parceiros. Vinte e quatro estudantes chineses e dezoito coreanos esti-

veram na UFRGS por um ano, e outros dois grupos de dimensões equivalentes devem chegar, dando continuidade à cooperação, enquanto alunos da Universidade se preparam para estudar nesses países.

Recentemente, uma missão da UFRGS esteve na África, visitando universidades sul-africanas e moçambicanas. Foram assinados dois acordos (Unisa e Universidade Eduardo Mondlane), tendo sido implementado um terceiro e um outro se encontra em negociação. As iniciativas com a África do Sul permitiram reforçar a atuação do Centro de Estudos Brasil-África do Sul. A Universidade está implantando três mestrados em Cabo Verde, nas áreas de Engenharia, Ordenamento Territorial e Ciências Sociais.

Na América Latina, passamos a ter intercâmbio regular de professores na Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM). Foram firmados quatro acordos de cooperação com universidades de Cuba, englobando as áreas de farmácia, engenharia, saúde animal e informática, e com outros países, como Venezuela e Colômbia.

Coroando essas iniciativas, a Universidade realizou o primeiro encontro *As Relações Internacionais da UFRGS: Oportunidades, Experiências e Perspectivas*, como forma de integrar a comunidade universitária nas novas ações em curso e divulgar o aprofundamento que ocorre em nossas parcerias tradicionais com a Europa e a América do Norte.



Grupo de estudantes da Jamaica e Nigéria aprimora conhecimentos em língua portuguesa

CPD disponibiliza novos serviços eletrônicos

Centro criou novos serviços eletrônicos e desenvolveu projeto para suporte à gestão da informação

O Centro de Processamento de Dados da Universidade implantou novos serviços eletrônicos para a comunidade universitária, dentre os quais se destacam: o Chasque disco (disco virtual de uso pessoal para armazenar arquivos) e o Chasque web (espaço para

hospedar página pessoal); a consulta à Produção Intelectual (PI) pela Internet; as inscrições para concursos docentes, para as Colônias de Férias e para as atividades de extensão; a renovação de empréstimos da biblioteca pela Internet; e as eleições eletrônicas. A informatização permitiu a ampliação do acervo digital de teses e dissertações produzidas na Universidade (cerca de 5.500 documentos); a catalogação retrospectiva de livros, com a inclusão de mais de 51.000 volu-

mes do acervo na base SABi; e o controle automatizado da coleção de periódicos da Universidade.

Além disso, o CPD tem trabalhado na construção de aplicações de suporte à gestão da informação baseada em tecnologia BI (*Business Intelligence*). O projeto BI-UFRGS reuniu analistas de negócio do CPD e um grupo de usuários que atuam na gestão da Universidade. O grupo responsável pela modelagem discutiu o perfil funcional do servidor,

os perfis do candidato do vestibular e do aluno regular de graduação e o planejamento de disciplina/turma. Como resultado, foram construídos modelos baseados em indicadores de gestão analisados dentro de cada área. Esses permitirão fazer consultas e simulações sobre uma base de conhecimentos temporal acerca das diversas áreas administrativas e acadêmicas, e realizar estudos comparativos entre o presente, passado e futuro de indicadores de gestão da Universidade.

Comunicação amplia canais para comunidade

O Portal da UFRGS na Internet começou a ser alterado em janeiro de 2005, durante a realização do Concurso Vestibular, quando a Secretaria de Comunicação Social (Secom) colocou no ar as primeiras notícias no espaço central do *site* institucional. Desde então, recebe inúmeras solicitações diárias para a veiculação de notícias, constituindo-se em mais um canal de divulgação interna e externa dos acontecimentos da Universidade. As notícias são produzidas e disponibilizadas, com imagens, pela equipe da Assessoria de Imprensa quase em tempo real.

Outras alterações foram introduzidas no Portal, tornando-o mais informativo e de mais fácil navegação, tanto para a comunidade interna quanto externa. Um Comitê Gestor do Portal, nomeado por portaria do reitor, avalia mensalmente a acessibilidade e o grau de informação, bem como a atualização das informações disponíveis.

A clipagem eletrônica das notícias sobre a UFRGS, ensino e educação superior foi adotada em julho de 2005, como uma forma de possibilitar a

toda a comunidade universitária o acesso às notícias veiculadas na imprensa (jornais, revistas, rádios e televisões), abordando assuntos do seu interesse. Passou-se – de uma clipagem manual, com recorte de jornais, de circulação restrita apenas ao gabinete do reitor e às pró-reitorias – para uma clipagem eletrônica disponível para todos no Portal da Universidade, diariamente, a partir das 9h. A clipagem que começou apenas com material impresso, engloba rádio e televisão desde o início deste ano.

As tratativas para implantação de uma unidade de produção de televisão na UFRGS iniciaram ainda em 2004, quando foi assinado um convênio com a Fundação de Ciências Médicas e houve a aquisição dos equipamentos restantes. Em setembro de 2005, a Unidade Produtora de TV da UFRGS entrou em funcionamento, produzindo vídeos para ensino, vídeos institucionais e programas para veiculação no canal 15 da NET-UniTV. Atualmente, a Unidade funciona com um técnico contratado e 10 alunos, sendo três bolsistas e os demais, voluntários.

Sistema on line permite participação de alunos

Universidade foi a primeira do sistema federal a completar seu trabalho de avaliação institucional interna

A Secretaria de Avaliação Institucional (SAI) e a Pró-reitoria de Graduação (Prograd) estão implantando uma nova sistemática de avaliação do professor e da disciplina pelo discente. Esta inovação foi resultante do trabalho de professores dos diversos Núcleos de Avaliação das Unidades Acadêmicas da UFRGS, com a colaboração do Centro de Processamento de Dados (CPD).

A partir deste semestre, o aluno poderá realizar a avaliação *on line* através de um questionário sobre o professor, a disciplina, a infra-estrutura e auto-avaliação discente. A geração dos relatórios de avaliação de cada disciplina será automática e poderão ser acessados pelos departamentos, professores, comissões de graduação, Núcleos de Avaliação das Unidades (NAUs) e pelos alunos.



Esta será a primeira vez que a UFRGS terá informações unitárias e regulares dos alunos a respeito dos professores e do ensino nos seus diferentes cursos de graduação.

Em nível nacional, a

UFRGS foi a precursora das universidades federais dentro do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), ao completar seu trabalho de avaliação institucional interna um ano antes do

prazo estipulado. O trabalho articulado da Comissão Própria de Avaliação (CPA) permitirá que a Universidade seja a primeira a receber os avaliadores institucionais externos, num trabalho inédito no Brasil.

Gráfica e Editora funcionando juntas

Modernização de equipamentos e lançamento de Livraria Virtual ampliaram capacidade de edição e divulgação

Em 2005, a Gráfica da Universidade não só mudou de endereço, ocupando dependências próprias, no

Campus Saúde, como também passou a ser vinculada à Secretaria de Comunicação. O investimento em novos equipamentos que vem sendo feito desde a mudança, incluiu a aquisição da impressora bicolor, o que contribuiu para o melhor atendimento das demandas de produção de impressos.

Além de transferir-se para a nova sede, localizada tam-

bém no Campus Saúde, ao lado da Gráfica, a Editora da UFRGS lançou sua Livraria Virtual, que permite a divulgação do acervo de publicações em nível nacional e internacional através do *site* da Universidade. Por outro lado, a articulação com as Pró-reitorias Acadêmicas e outras unidades permitiu a publicação de séries como: Série Graduação

(Prograd), quatro volumes em 2006; Série Iniciação Científica (Propesq), três volumes em 2006; Série Política e Gestão da Educação (Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação), cinco volumes em 2006. Para o próximo ano, está previsto o lançamento das séries Pesquisa em Sala de Aula; Esporte, Lazer e Saúde; e Farmácia.

Educação sem fronteiras

Em 2006, através da Secretaria de Educação a Distância, a UFRGS iniciou seus dois primeiros cursos de graduação na modalidade a distância: Administração e Pedagogia. O primeiro, realizado em convênio com o Banco do Brasil, oferece 650 vagas; o segundo, promovido em convênio com a Secretaria de Educação a Distância do MEC, atende 400 professores leigos da rede pública de ensino, em cinco diferentes pólos.

A Universidade integra a Rede Gaúcha de Ensino Superior a

Distância (Regesd), que disponibilizará no próximo ano 2.700 vagas para a capacitação de professores leigos da rede pública de ensino em artes visuais, ciências biológicas, física, espanhol, geografia, inglês, matemática, português e química. Foi também aprovado o curso de licenciatura em música, que disponibilizará 850 vagas.

Outra novidade foi a institucionalização dos ambientes virtuais de aprendizagem Rooda e Navi, utilizados por mais de dez mil alunos.

Leitura para crianças

O projeto de extensão universitária "Conta mais", vinculado à Coordenadoria de Educação Básica e Profissional, tem o objetivo de promover a leitura e a literatura infantil e juvenil através de contações de histórias e de caixas-estantes, para crianças da Brinquedoteca, da

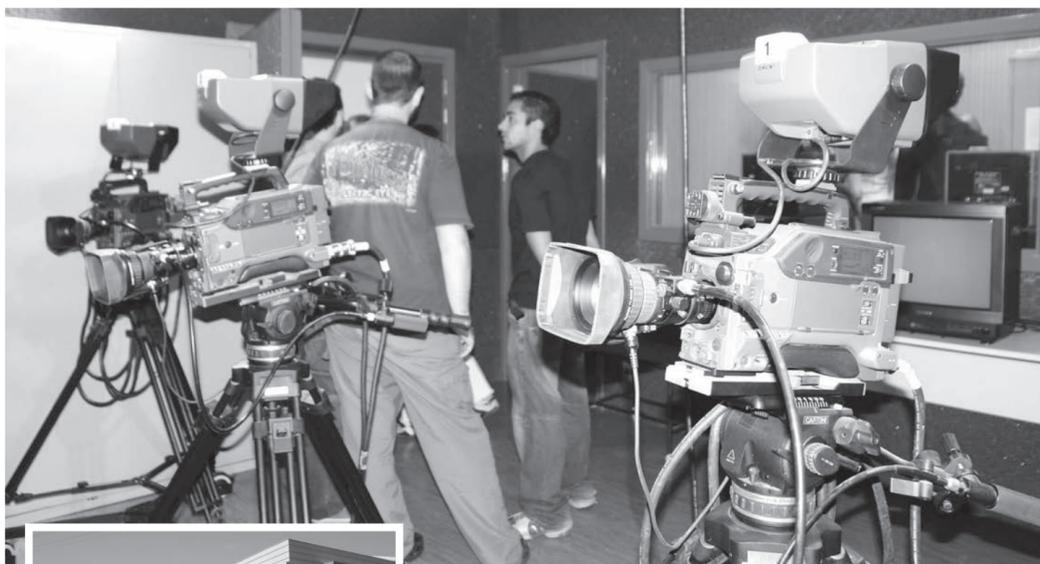
Creche e do Colégio de Aplicação da UFRGS. As atividades tiveram início em 2006 e também atendem crianças da Escola Estadual Alberto Torres, no bairro Vila Nova, e do Movimento pelos Direitos da Criança e do Adolescente, totalizando aproximadamente 400 alunos.

Investimentos em ampliação e recuperação de prédios

Estão em andamento, obras que agregarão mais 4.929m² à área construída da Universidade e terão grande repercussão no dia-a-dia da comunidade

Durante o biênio 2005-2006, a Superintendência de Infra-estrutura (Suinfra) executou 43 obras, reformas e readequações de espaço, perfazendo um total de 7.461m² de ampliação de estruturas, 9.237m² de readequações e reformas e 415m² de cercamento.

Dentre as obras concluídas, destacam-se o prédio de salas de aula do Campus do Vale, com 24 novas salas, e a reforma do 7º andar do prédio da Engenharia, no Campus Centro. O Campus da Saúde foi beneficiado com o cercamento de todo o seu entorno; a conclusão do prédio que abriga o RU2, a Gráfica e a Editora; a construção da biblioteca do Instituto de Psicologia e a reforma do 3º andar da Facul-



Novo estúdio de TV da Fabico e prédio do RU trouxeram benefícios para o Campus Saúde

dade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).

Outras construções, que agregarão mais 4.929m² à área construída da UFRGS, com grande repercussão para o dia-a-dia da Universidade, estão em andamento ou em fase de

contratação, como a ampliação do RU3, que atende à comunidade do Campus do Vale e passará a contar com mais 500 lugares, e as obras de expansão e melhoria da rede telefônica. A Faculdade de Veterinária terá sua capacidade de atendimen-

to melhorada através da expansão do bloco cirúrgico do Hospital de Clínicas Veterinárias, enquanto o Instituto de Ciências Básicas da Saúde receberá o prédio do Centro de Reprodução e Experimentação de Animais de Laboratório (Creal).

Estão sendo licitadas mais 17 obras que agregarão ou recuperarão 13.111m², dentre as quais, o prédio do Laboratório de Ensaio e Modelos Estruturais (Leme) da Escola de Engenharia, o prédio de salas de aula da Faculdade de Veterinária, a reforma do segundo piso da Fabico, a recuperação da fachada do Instituto de Psicologia, a impermeabilização de vigas e recuperação de calhas dos Blocos I e IV do Campus do Vale e a recuperação da pavimentação do Anel Viário.

A Superintendência também investiu na área de manutenção, introduzindo um sistema de gestão baseado em critérios técnico-científicos, com a qualificação de servidores através de cursos como 5S, FMEA, entre outros.

Desenvolvimento tecnológico

O portfólio de marcas e patentes da UFRGS cresceu em 28% com o registro de cinco novas marcas e quatro softwares

Desde 2005, através da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec), a Universidade integra o sistema de redes e núcleos de excelência da Petrobras. A Sedetec também participa da relação de parceria na implementação do Programa Nacional da Indústria do Petróleo (Prominp), que tem como objetivo o treinamento de trabalhadores do setor de petróleo e gás, e está oferecendo treinamento a engenheiros vinculados ao pólo da Refinaria Alberto Pasqualini e à inserção de um dique seco no município de Rio Grande. Outras parcerias foram realizadas com as empresas Inrementha, Thyssen-Krupp, Laboratórios Schering, Biofarma e Meddley.

Na área de registro da propriedade intelectual, até novembro deste ano, o portfólio de marcas de patentes da UFRGS havia avançado em 28%, com o registro de cinco novas marcas e quatro novos softwares, além de seis novas espécies vegetais com proteção.

O setor de transferência de tecnologia registrou o maior crescimento: em 2006, foram comercializadas quatro patentes, com destaque para a de-

positada em conjunto com as empresas Thyssen-Krupp e Braskem. Outro importante avanço foi realizado em conjunto com a Fundação Estadual de Produção e Pesquisa em Saúde do Rio Grande do Sul (FEPPS), para a geração de kits de reconhecimento e tratamento de doenças.

A Sedetec contribuiu ainda para a elaboração do Portal dos Laboratórios da UFRGS, acessado através do Portal do Servidor no site da instituição; participou da Globaltech, em maio de 2006, no pavilhão de exposições da Fiergs; atuou na formação do comitê gestor do projeto Aeromóvel do Brasil, em parceria com a PUCRS; desenvolveu projeto para a viabilidade da implementação no estado de três pólos de usinas de álcool, a partir de biomassa da cana de açúcar ou de outras culturas, em parceria com a Embrapa e o IEL (Instituto Evaldo Lodi); e colaborou na formatação do modelo de inserção do Parque Tecnológico em Energia.

Finalmente, a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico participa do Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia (Comcet), do Conselho de Inovação e Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Citec-Fiergs) e do Fórum dos Gestores de Inovação Tecnológica do Brasil (Fortec), do qual preside a regional sul.

Preservação do patrimônio arquitetônico

A Secretaria do Patrimônio Histórico (SPH) realizou, no período 2005-2006 a restauração parcial do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), com recuperação da cobertura e restauração dos adornos em gesso do Salão Nobre; a execução da obra de instalação da Unidade Produtora de TV, no térreo do prédio da Rádio da Universidade; o projeto e obra de instalação de auditório na cúpula central do prédio do Instituto Parobé, a iluminação ex-

terna do entorno do prédio, junto à fachada principal, localizada na Rua Sarmento Leite, bem como a instalação de novos portões de acesso no Campus Centro para pedestres e veículos.

Também no Campus Centro foi feita a pintura do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas e a entrega do prédio reformado do Castelinho, que atualmente sedia o Núcleo para Inovação das Edificações (Norie), do Curso de Pós-graduação da Escola de Engenharia.



Política de inclusão digital

Foram instalados laboratórios de informática nas três casas de estudantes e no Centro de Vivências

A atual gestão da UFRGS reconhece a importância da assistência estudantil como forma de reduzir a evasão dos estudantes de baixa renda nos cursos de graduação da Universidade e encaminhar sua saída com sucesso. Nesse sentido, a Secretaria de Assistência Estudantil (SAE) atua para assegurar a igualdade de condições no exercício da atividade acadêmica.

No período 2005-2006, a SAE implementou a abertura do Restaurante Universitário do Campus Saúde e a oferta do café-da-manhã aos moradores da Cefav e da Ccurgs. Também

está em andamento a ampliação do refeitório do RU3 do Campus do Vale, que terá sua capacidade ampliada de 500 para 1.000 lugares, e a reforma do RU1, situado no Campus Centro, onde haverá aumento de 100 vagas.

Buscando atender antigas reivindicações da comunidade estudantil, a Secretaria criou dois grupos de trabalho: o primeiro, composto pelo DCE e Empresa Júnior da Escola de Engenharia para equacionar a situação das filas dos RUs; e o segundo, integrado pela Superintendência de Infra-estrutura (Suinfra), pelo DCE e pelo Diretório Acadêmico da Escola de Educação Física, objetivando desenvolver o projeto do Restaurante Universitário da Esf.

A Secretaria de Assistência Estudantil também deu início

à democratização do acesso à informatização, buscando não só facilitar a pesquisa dos estudantes como também servir de ferramenta à inclusão dos menos favorecidos. Para tanto, foram instalados laboratórios de informática nas três casas de estudantes e um laboratório de informática no Centro de Vivências do Campus do Vale.

A informatização do atendimento dos estudantes reduziu o tempo de espera e possibilitou resposta rápida, via Portal do Aluno, no qual é possível fazer o agendamento de entrevistas ao programa de benefícios e a solicitação de ingresso na Casa de Estudantes. Também foram informatizados o processo de renovação do programa de benefícios, o programa de bolsas e o programa de estágios.

Proteção ao meio ambiente

Está em fase de implantação a política ambiental da UFRGS na área de gestão ambiental. Já estão formados 62 agentes ambientais com atuação no sistema de gestão ambiental dentro da universidade, coordenados pelo Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental (Giga).

Como marco simbólico desta política, ocorreu a primeira coleta e destinação de lâmpadas fluorescentes nos diversos campi da Universidade.

A criação do Refúgio de Vida Silvestre da UFRGS no morro Santana, aprovada pelo Conselho Universitário em outubro deste ano, constitui-se na principal iniciativa institucional no sentido de reduzir os impactos ambientais e garantir a proteção da diversidade biológica existente no local.

Servidores reconhecidos

Título de servidor emérito irá valorizar todos os que contribuíram para o desenvolvimento da UFRGS

Em outubro deste ano, a Pró-reitoria de Recursos Humanos promoveu a 1ª. Semana do Servidor da UFRGS, evento que representou o reconhecimento e a homenagem da Universidade a todos os seus servidores técni-



Exposição, realizada no Salão de Festas, apresentou produção artística de servidores

co-administrativos e docentes. Com a temática "Valorizando a Vida e a Arte", os três dias de atividades foram marcados por palestras, apresentações musicais e mostra de artes plásticas, a qual reuniu 24 expositores e 53 obras artísticas. A Semana deverá estimular todos os servidores a, anualmente, manterem os seus vínculos afetivos e de responsabilidades com a instituição.

Outra iniciativa no sentido de aproximar ex-servidores do

dia-a-dia da Universidade foi a possibilidade do acesso dos aposentados às bibliotecas da UFRGS. Com o cartão de identificação, eles agora podem acessar o sistema para a consulta e retirada de bibliografia gratuitamente.

Em 2006, também foram entregues novos uniformes aos servidores que atuam junto ao Setor de Manutenção da Prefeitura Universitária, nos quatro campi. Os servidores tam-

bém receberam novas ferramentas, sendo que o Setor de Manutenção recentemente ganhou um espaço de trabalho mais adequado ao exercício de suas funções.

Por fim, o Conselho Universitário instituiu o título de *Servidor Emérito da UFRGS*, distinção que tem o objetivo de resgatar e valorizar todos aqueles que contribuíram com seu trabalho para o desenvolvimento desta Universidade.